

# Lusophonies | Lusofonias

Obras da coleção da Perve Galeria



# **Lusophonies | Lusofonias**

Obras da coleção da Perve Galeria

Um dos intelectuais portugueses que mais estimo e admiro, o Professor Adriano Moreira, afirmou um dia que, “para se ser amigo da Lusofonia – título da exposição que, em parceria com a Galeria Perve apresentamos agora no Palácio do Egipto - temos de saber ser patriotas”.

E sobre a Pátria asseverou também que ela “não se escolhe, acontece. Para além de aprovar ou reprovar cada um dos elementos do inventário secular, a única alternativa é amá-la ou renegá-la. Mas ninguém pode ser autorizado a tentar a sua destruição, e a colocar o partido, a ideologia, a ambição pessoal, acima dela. A Pátria não é um estribo. A Pátria não é uma ocasião. A Pátria não é um estorvo. A Pátria não é um peso. A Pátria é um dever entre o berço e o caixão, as suas formas de total amor que tem para nos receber”.

Ora, é não apenas esta Pátria, a nossa Pátria, mas sim todas as Pátrias - noção de enorme vastidão e complexidade - que queremos homenagear nesta exposição do “mundo lusófono” que se integra no movimento “Desenha’12”.

Com curadoria e direcção artística do Dr. Carlos Cabral Nunes, a “alma” da citada Galeria, a mostra é composta por um conjunto de obras de artistas angolanos, brasileiros, cabo-verdianos, moçambicanos e portugueses onde destacaria a figura do grande Cruzeiro Seixas!

A todos quantos, com a sua dedicação, experiência e competência, souberam contribuir para o êxito desta iniciativa, envio um profundo e sincero agradecimento, em nome justamente da “Lusofonia” em que tanto acredito!

A Vereadora da Cultura  
Elisabete Oliveira

Para além da sua função protocolar, servem estas breves mensagens a abrir catálogos de exposições, para transmitir um pouco do meu pensamento sobre o fenómeno da Cultura e das políticas culturais, nos tempos difíceis que atravessamos.

Relevo desde logo, ao falar de Cultura, três objectivos essenciais: o primeiro deles recai no apoio regular dado pela Câmara Municipal de Oeiras às associações, às colectividades e a todos os agentes culturais, para que, deste modo possam estar convenientemente apetrechados para participar na vida cultural do seu município.

Um segundo desiderato reporta-se à necessidade de não elitizarmos a Cultura, devendo, pelo contrário, ter sempre presente a questão da diversidade cultural.

Por último, um terceiro mas não menos importante objectivo, tem a ver com a cooperação cultural.

Em termos genéricos, aquilo que fundamentalmente nos interessa são programas de políticas culturais que saibam dialogar com a realidade, sobretudo com a realidade local, e que assumam que cada cidadão deve ser, ele próprio, um agente cultural! É isto que temos procurado fazer e é isto que continuaremos a fazer, designadamente em termos de vinculação da Cultura à Arte.

Inscribe-se precisamente neste marco a exposição intitulada LUSOFONIAS que agora inauguramos no Centro Cultural Palácio do Egipto, em parceria com a Perve Galeria, e que se integra no movimento “DESENHA’12”.

Apenas mais umas palavras para expressar o muito que sinto por este conceito, quer como cidadão, quer como Presidente de Câmara.

Na realidade, para além de servir de união entre países, a Lusofonia transporta em si mesmo uma história que abarca os que têm o português como língua materna ou oficial.

Trata-se de um movimento cultural e de cidadania, em cinco principais dimensões, dimensões essas que o Município de Oeiras tem, ao longo dos últimos 20 anos, fomentado e acarinhado: poética, cultural, social, económica e política.

O sonho de Agostinho da Silva, ou seja, a criação de uma verdadeira comunidade lusófona, numa base de liberdade, igualdade e fraternidade, cumprir-se-á se formos capazes de dar corpo a um verdadeiro sentimento de Lusofonia!

Parece pois pertinente mostrar a todos como retratá-la e para isso contamos, como antes mencionei, com a colaboração da Perve Galeria, com curadoria do Dr. Carlos Cabral Nunes.

Constituída por obras de artistas angolanos, brasileiros, cabo-verdianos, moçambicanos e portugueses, de distintas gerações, Cabral Nunes separa a produção realizada antes das independências nos PALOP e o desenvolvimento artístico após a instalação dos regimes soberanos naqueles países, estabelecendo-se a ponte para as novas gerações de artistas lusófonos.

Nomes como Cruzeiro Seixas, Cesariny, Pancho Guedes ou Malangatana representam a produção artística do período anterior a 1975, enquanto Ana Silva, Idasse ou o próprio Cabral Nunes representam os novos autores lusófonos.

Uns e outros comungam de uma característica comum: a ligação, ora vivencial, ora estética, a África ou ao Brasil.

A todos os que, com o seu esforço e saber, ajudaram a organizar esta “Lusofonia”, aqui fica o meu agradecimento.

O Presidente da Câmara Municipal de Oeiras  
Isaltino Morais

Mostrar o que foi (e continua sendo) a arte naquilo a que hoje chamamos Lusofonia, mais do que manifestação de boas vontades, é uma obrigação ante a demanda de conhecimento das gerações atuais que se expressam em português, seja no território nacional, seja junto das comunidades luso-falantes espalhadas pelo mundo.

Com este propósito, a Perve Galeria e o Centro Cultural Palácio do Egipto apresentam a exposição “Lusophonies | Lusofonias” através da qual se procura abordar de forma antológica a produção artística nos PALOP, Brasil e Portugal, tendo por base a necessária reflexão sobre os fundamentos e as razões estruturais que relevam a matriz africana da Lusofonia.

A presente exposição, tratando-se de uma mostra integrada na Trienal Desenha '12, reúne obras cujo suporte e técnica se aproximam daquilo que vulgarmente se pode designar por desenho, a par com algumas obras escultóricas que seguem igualmente esse raciocínio – são obras que na sua tridimensionalidade poderiam possuir um discurso sobre papel, com auxílio de lápis ou tinta-da-china, i.e. são obras em cuja forma se anuncia a possibilidade do traço nobre do desenho.

Sendo certo que a coleção que dá corpo a esta exposição é substancialmente mais vasta do que aqui se apresenta – e do que, anteriormente, foi apresentado na Galeria Nacional de Arte de Dacar, no Senegal (2010) – é igualmente justo dizer-se que em cada apresentação desta exposição itinerante, se parte do todo para mostrar um fragmento que, por si só, faça sentido para o visitante, seja ele leigo ou especialista.

Assim, a organização da exposição segue dois eixos principais: o antes e o depois da revolução portuguesa, a 25 de Abril de 1974 e da consequente independência dos PALOP. Dentro destes, criam-se subtemas como a produção artística local e a diáspora, estabelecendo-se ligações entre o imaginário africano e sua influência em distintos autores portugueses.

Numa espécie epílogo expositivo, gera-se a perspetiva sobre o futuro da criação artística através da inclusão de obras que, na sua fragilidade, sublinham narrativamente o significado conceptual, vivenciado, do termo Lusofonia e, por essa via, podem servir de elemento difusor da noção que aí se pretende evidenciar – como será o que somos, amanhã?

Complementarmente, apresenta-se um núcleo expositivo, intitulado “Um passo à frente em África”, em que se pretende evocar o período Africano de Cruzeiro Seixas, autor prestes a completar 92 anos de idade e que, desta forma, se pretende homenagear.

Artur do Cruzeiro Seixas, cofundador, com Cesariny e demais companheiros, do grupo “Os Surrealistas”, em 1948, rumou para Angola em 1952, tendo aí fixado residência por mais de uma década. Em Luanda organizou as mais importantes exposições, quer com trabalhos seus, quer com obras de vários artistas da Lusofonia, entre os quais Malangatana, o que lhe valeu ser chamado para interrogatório na polícia política (PIDE) da época, pois que exibir uma obra de um autor africano, ademais contestatário do regime, era algo que ia contra os ditames vigentes. Este núcleo constitui assim homenagem ao trabalho artístico e autoral de Cruzeiro Seixas, mostrando-se obras realizadas nas décadas de 50 e 60 do Século XX. É também uma justa e merecida evocação do seu papel enquanto promotor das artes.

Carlos Cabral Nunes  
Setembro de 2012

Comum a todos os países africanos de onde são originários alguns dos autores da exposição é o fato de terem sido alvo de um período colonial, do qual se libertaram através de movimentos independentistas que os conduziram até aos atuais sistemas democráticos.

Sem querer fazer um relato histórico, convém salientar que, em todos eles, existiu o fenómeno da criação artística libertária mesmo sob ocupação repressiva colonial. Em Moçambique, por exemplo, Malangatana, talvez hoje o mais conhecido dos artistas plásticos daquele país, realizou inicialmente obras que sujeitas a uma primeira leitura, cuja narrativa e a sua apresentação formal, evidenciam a necessidade do autor em se expressar segundo o gosto do público da época, fortemente marcado pelo chamado “exotismo africano”, não erguendo, aparentemente, bandeiras que pudessem suscitar dúvidas sobre as suas convicções políticas nem tampouco inquietar as convicções estéticas da população.

Mas, como se disse, isso trata-se de uma leitura iniciática, se olhadas mais aprofundadamente, poderemos ver nessas mesmas obras já um manifesto, uma sublevação contra os ditames vigentes. Há em muitas das suas obras uma contestação aos ensinamentos coloniais, uma vontade de sublevação ante estes mas, mais tarde, o mesmo autor, já então envolvido no movimento independentista do seu país, trataria de fazer obras marcantes onde toda a dissimulação narrativa, contida no período anterior, desaparece para dar lugar ao repto, evidente, de levantamento popular, apelando à ação/decisão.

Este tipo de oposição, seja de forma direta ou disfarçada, pode ver-se, como elo de ligação, também em obras aqui expostas de autores como António Quadros, Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas, Manuel Figueira, Pancho Guedes ou Shikhani, entre outros. Em todos eles podemos observar essa vontade de romper com o estabelecido e contestar o poder vigente, seja o político, seja o estético, apontando caminhos para a liberdade e para a auto-determinação intelectual e social, isto numa época em que os artistas, ao fazê-lo, incorriam nos maiores riscos. O próprio Malangatana viria a sofrer consequências desse seu posicionamento, tendo sido preso (político) no final da década de 1960 e Cesariny, por mais de uma dúzia de anos, foi obrigado a apresentações periódicas na polícia do regime. Um período densamente povoado de opressão para com aqueles que buscavam a liberdade, onde os artistas, no espaço da Lusofonia, foram elos determinantes para a criação da consciência crítica que germinou na revolução de Abril de 1974, dando, com isso, origem ao período das independências nos territórios que, até então, estavam sob administração portuguesa.

Carlos Cabral Nunes  
Setembro de 2012

## Colonialismo

Paulo Tomaz  
António Quadros  
Cesariny  
Dorindo Carvalho  
Eduardo Nery  
Eurico Gonçalves  
Fernando Lemos  
Henrique Risques Pereira  
Malangatana  
Manuel Figueira  
Pancho Guedes  
Shikhani

## ANTÓNIO PAULO TOMÁZ

Nasceu em Lousã em 1928 e morreu em 2009.

Difícilmente encontraríamos na história do surrealismo português um nome mais “clandestino” e mais “desaparecido” do que o deste autor que em 1949, participou na primeira exposição do grupo de Os Surrealistas e que durante aproximadamente uma década, antes e depois dessa data, desenvolveu um trabalho artístico nos territórios do desenho e da pintura que, através do Cruzeiro Seixas, havia de ficar definitivamente ligado àquela história. Das poucas notícias críticas e biográficas que sobre ele pode encontrar o investigador ou o simples curioso, merece um especial destaque a referência que Maria Jesús Ávila lhe faz no catálogo da exposição “Surrealismo em Portugal. 1934-1952”, onde situa a sua obra em relação com o interesse que despertaram nos surrealistas franceses as produções plásticas de loucos, “primitivos” e amadores, descobrindo nessa obra como característica principal uma marca naif, nunca abandonada, que se resolve em composições delirantes de formas fragmentárias em contínua transformação, em atrevidas soluções cromáticas, que se concentram e sobrepõem sobre fundos uniformes e indefinidos.







## ANTÓNIO QUADROS

Nasceu em 1933 em Tondela, Portugal e aí faleceu em 1994.

Iniciou o seu percurso académico na Escola Superior de Belas Arte de Lisboa mas, posteriormente, transferiu-se para a E.S.B.A.P. (actual Faculdade de Belas Artes do Porto), onde cursou pintura e se diplomou com a tese - Óleo Sobre Tela de Serapilheira – em 1961. Na segunda metade dos anos 50 foi um artista multifacetado, poeta, pintor, professor, cenógrafo entre outras actividades. Estudou ainda pintura e gravura em Paris, onde foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian ente 1958 e 1959. Expôs individualmente no Porto, Lisboa e Lourenço Marques.

Participou em inúmeras exposições colectivas nacionais, destacando-se as realizadas na Sociedade Nacional de Belas Artes em Lisboa. Realizou várias exposições no estrangeiro, destacando-se a I Bienal de Paris em 1959, V e VII Bienais de S. Paulo bem como, exposições colectivas em Lugano, Roma, Génova, Pretória, Durban, Bruxelas, Hanover, Madrid, Barcelona e Paris. Foi distinguido com o Prémio Marques de Oliveira em 1955, Prémio Armando de Basto, em 1956, Prémio Domingos Sequeira em 1960, Prémio Nacional de Design, em 1966, Prémio da Crítica em 1969 Paris e ainda o Grande Prémio, da Fundação Calouste Gulbenkian, 1958/59. Está representado em colecções do Estado Português, nomeadamente no Ministério da Cultura, na colecção permanente da Fundação Calouste Gulbenkian e em prestigiadas colecções particulares.

António Quadros, *Torcionário depondo troféus no altar da pátria*

1974, aguarela sobre papel, 56x71cm



## CESARINY

Nasceu em 1923, em Lisboa e aí faleceu em 2006.

Estudou na Academia de Amadores de Música sob a orientação de Fernando Lopes Graça, ingressando nos anos 40 na Escola António Arroio onde conheceu, Marcelino Vespeira, Fernando de Azevedo, Júlio Pomar, José Leonel Rodrigues, Fernando José Francisco, Cruzeiro Seixas entre outros. Em 1944, adere ao neo-realismo e, um ano depois profere a conferência intitulada "A Arte em Crise". Em 1947, afasta-se do Grupo Surrealista de Lisboa (GSL), descontente com os seus limites e imposições. Produziu, por esta altura, várias obras de cariz informalista, como "O Operário" e "Sopro-figuras", mas não chega a integrar definitivamente o colectivo recém-formado. Em 1948, numa carta enviada a Alexandre O'Neill, manifesta o seu desacordo e, afastando-se do GSL, forma outro grupo, Os Surrealistas. Participará em inúmeras polémicas com o GSL e apresentará, pela primeira vez em público, obras de sua autoria na primeira exposição colectiva os Surrealistas, em 1949, numa antiga sala de projecções de nome Pathé-Baby. As polémicas, das quais é protagonista, acentuam-se nos três anos seguintes através da redacção e do envio de folhas volantes, troca de correspondência e conferências. No princípio da década de 60, a Guimarães Editora publica duas obras de poesia de sua autoria (Antologia do Cadáver Esquisito e Planisfério e Outros Poemas). Nos anos 80 realizou várias exposições em Lisboa, Almada e Torres Novas. Em 2002 recebeu o Grande Prémio EDP e, em 2005, o Prémio "Vida Literária", da Associação Portuguesa de Escritores e a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, entregue em sua casa pelo, à época, Presidente da República Portuguesa, Dr. Jorge Sampaio. A Perve Galeria, em 2006, apresentou a exposição "Cesariny, Cruzeiro Seixas e Fernando José Francisco e passeio do cadáver esquisito" que marcou o reencontro destes três artistas após décadas de afastamento.



Cesariny, *Voi deux fois*

2006, jóia em ouro, prata e cobre, 28x15x15cm



Cesariny, *Sem Título*  
1996, aguarela sobre papel, 21x14,5cm



## DORINDO CARVALHO

Nasceu em Lisboa a 30 de Setembro de 1937.

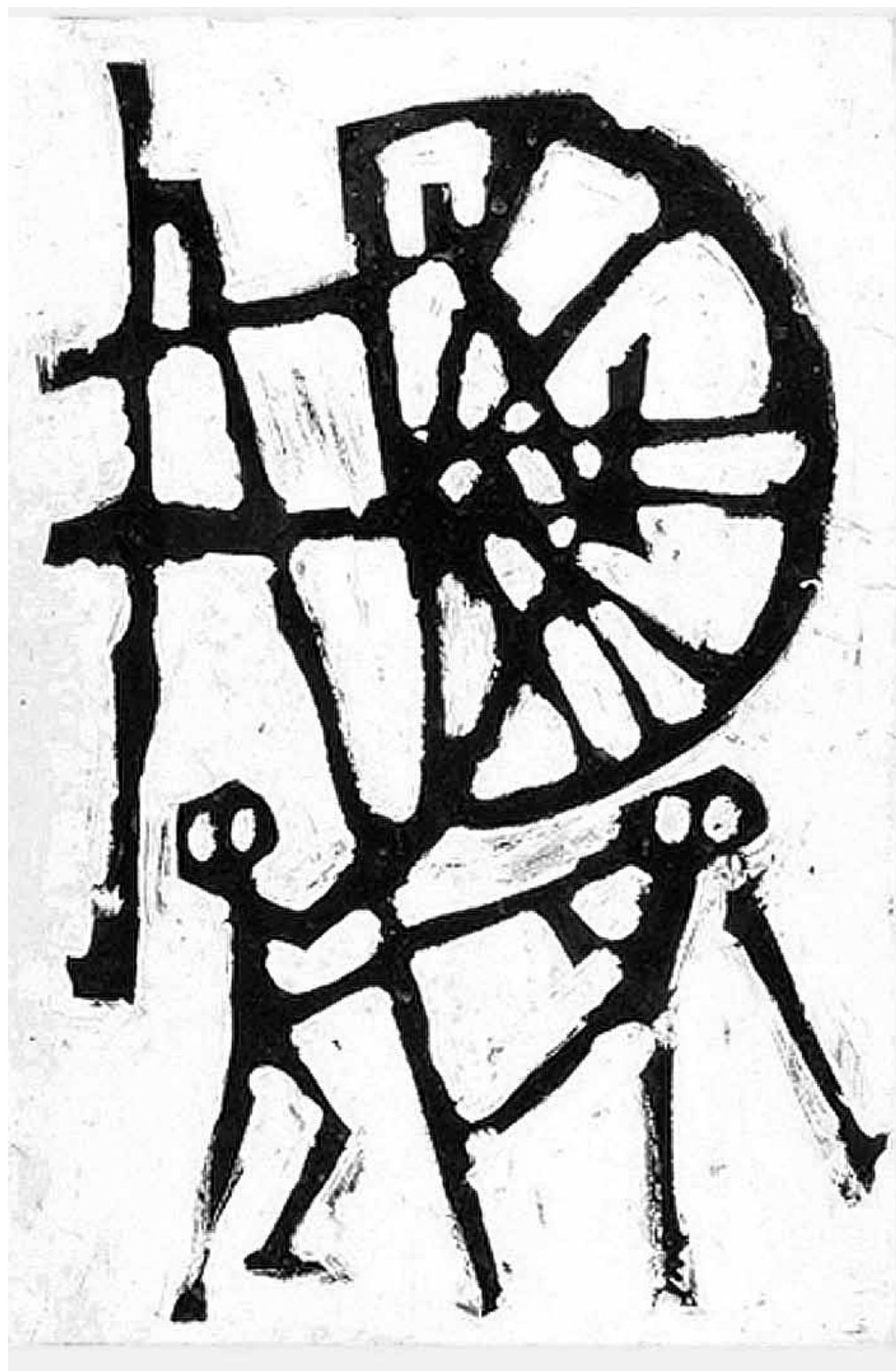
Trabalhou em fotografia e cursou a Escola de Artes Decorativas António Arroio. Onde mais tarde veio a lecionar educação visual, fotografia e desenho gráfico.

Nos anos 60 foi mobilizado para Angola e em Luanda continuou a desenvolver atividade artística. Desenhou e pintou. Realizou e participou em exposições e produziu cenários e figurinos para o Teatro Experimental da cidade. Regressado a Lisboa, a partir de 1964 frequenta a Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses e, enquanto pintor, obtém Bolsa de Estudo da Fundação Calouste Gulbenkian. Trabalhou também em decoração, publicidade e artes gráficas, assim como desenvolveu intensa atividade no campo editorial, realizando diversas capas de livros e de revistas. Desempenhou igualmente cargos de diretor de arte e de produção em várias editoras, colaborando também como ilustrador em diversas publicações periódicas. Ilustrou, escreveu e editou livros para vários públicos, incluindo o infanto-juvenil. Organizou cursos de desenho, ilustração e decoração.

Executou vários trabalhos no cinema de animação em Portugal, tendo colaborado igualmente numa coprodução luso-italiana. Trabalhou como planificador gráfico na Radiotelevisão Portuguesa. Nos anos 80 fixou-se na Venezuela onde, paralelamente a sua atividade como artista plástico, trabalhou como diretor de arte em várias agências de publicidade e editoras, assim como lecionou desenho gráfico nos dois mais importantes institutos de Caracas e colaborou como ilustrador em diversos jornais e revistas daquele país. Ainda na Venezuela, fez parte da Comissão Organizadora das Comemorações a Fernando Pessoa e foi membro fundador, com funções diretivas do Instituto Português de Cultura em Caracas. Nos anos de 1990, regressando a Portugal, prosseguiu a sua atividade como pintor, designer gráfico, escritor e ilustrador mas foi nas artes visuais que a sua ação se tornou mais intensa.

Ao longo dos últimos 50 anos, Dorindo Carvalho realizou centenas de capas para livros, dezenas de exposições em Portugal, em Angola e na Venezuela e recebeu vários prémios nesses 3 países. Mais recentemente, em 2011, foi agraciado pela Câmara Municipal de Sintra com a Medalha de Mérito Municipal - Grau Ouro.

A sua obra encontra-se representada em várias coleções públicas e privadas em Portugal e no estrangeiro, com destaque para as obras que foram integradas nos seguintes acervos institucionais: Museu da Fundação Calouste Gulbenkian; Organização Internacional do Café, em Londres; Museu Municipal Dr. Santos Rocha, na Figueira da Foz; Museu de Arte de Maracay, na Venezuela; Museu do Neorrealismo, em Vila Franca de Xira; Ateneo de Cumana, na Venezuela; Consulado Português de Caracas; Governo do Distrito de Luanda; Instituto de Luanda; Galeria Diário de Notícias; Galeria Municipal da Amadora, entre outros.



Dorindo Carvalho, **Estrutura 4**

1964, técnica mista sobre cartolina, 48x32cm



## EDUARDO NERY

Nasceu na Figueira da Foz, em 1938. Estudou Pintura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Apesar da formação nessa área, a sua diversificada obra passa também pelo desenho, colagem, gravura, tapeçaria, vitral, fotografia, mosaico e azulejaria, sendo um dos artistas plásticos contemporâneos com maior intervenção ao nível de arte pública. Está representado em numerosos museus portugueses e, em alguns, estrangeiros, tendo os seus trabalhos sido difundidos em inúmeras exposições individuais e coletivas. Quando da sua estadia em Paris (1959), interessou-se por obras de carácter abstrato, desenvolvendo na altura conhecimentos em tapeçaria e pintura, numa gramática próxima da Op Art, isto é, produtora de efeitos óticos, corrente de que foi um dos introdutores em Portugal.

Neste contexto, o geometrismo a que se presta o azulejo, não podia deixar de o interessar, desenvolvendo, a partir de azulejo único, painéis caracterizados por complexas isometrias, que permitem inúmeras combinações, como acontece, por exemplo, no Centro de Saúde de Mértola (1981) e na Estação da Refer/CP de Contumil (1994). Noutros casos, criou interessantes jogos de ritmos de cor e luz, com azulejos lisos industriais, como no Viaduto da Infante Santo (2001). Noutros ainda, desmultiplica a figuração humana segundo orientações verticais, oblíquas e horizontais, em intricados “puzzles”, que na sua remontagem resultam em imagens híbridas, fragmentadas, que surpreendem pela sua ironia e efeito plástico, como na Estação do Campo Grande, do Metropolitano de Lisboa (1992).

Muitos outros trabalhos podem ser referidos: em Lisboa no Museu da Água da EPAL (1987); no interior da sede do Banco BNC (1993); na sede da Associação Nacional das Farmácias (1995); no Viaduto da 2ª Circular, no Campo Grande (1998); na Estação da Refer/CP de Campolide (1999).

No estrangeiro tem um painel no Aeroporto de Macau (1995). Recebeu diversos prémios e distinções, entre os quais, o Prémio Municipal «Jorge Colaço» de Azulejaria (Câmara Municipal de Lisboa), nos anos de 1987, 1991, 1992 e 1995.



## EURICO GONÇALVES

Artista plástico português, Eurico Gonçalves, nasceu em 1932 em Abragão, Penafiel. Pintor e crítico de arte, membro da AICA, aderiu ao surrealismo em 1949. Em 1950/51 escreveu e ilustrou numerosas narrativas de sonhos, textos automáticos e poemas, compilados em quatro cadernos manuscritos, parte deles posteriormente recuperados, numa edição de luxo: *aí*, palavras, desenhos, colagens e guaches fundem-se numa só forma de expressão. Em alguns aspectos, a sua pintura aproximava-se já do neo figurativo. Manifestando-se através do improviso, as suas figuras foram dando lugar a simples sinais gráficos, caligrafias abstractas, executadas fora de qualquer motricidade imposta do exterior, ou seja, uma pintura de sinais derivada do gestualismo, com resultados extremamente depurados.

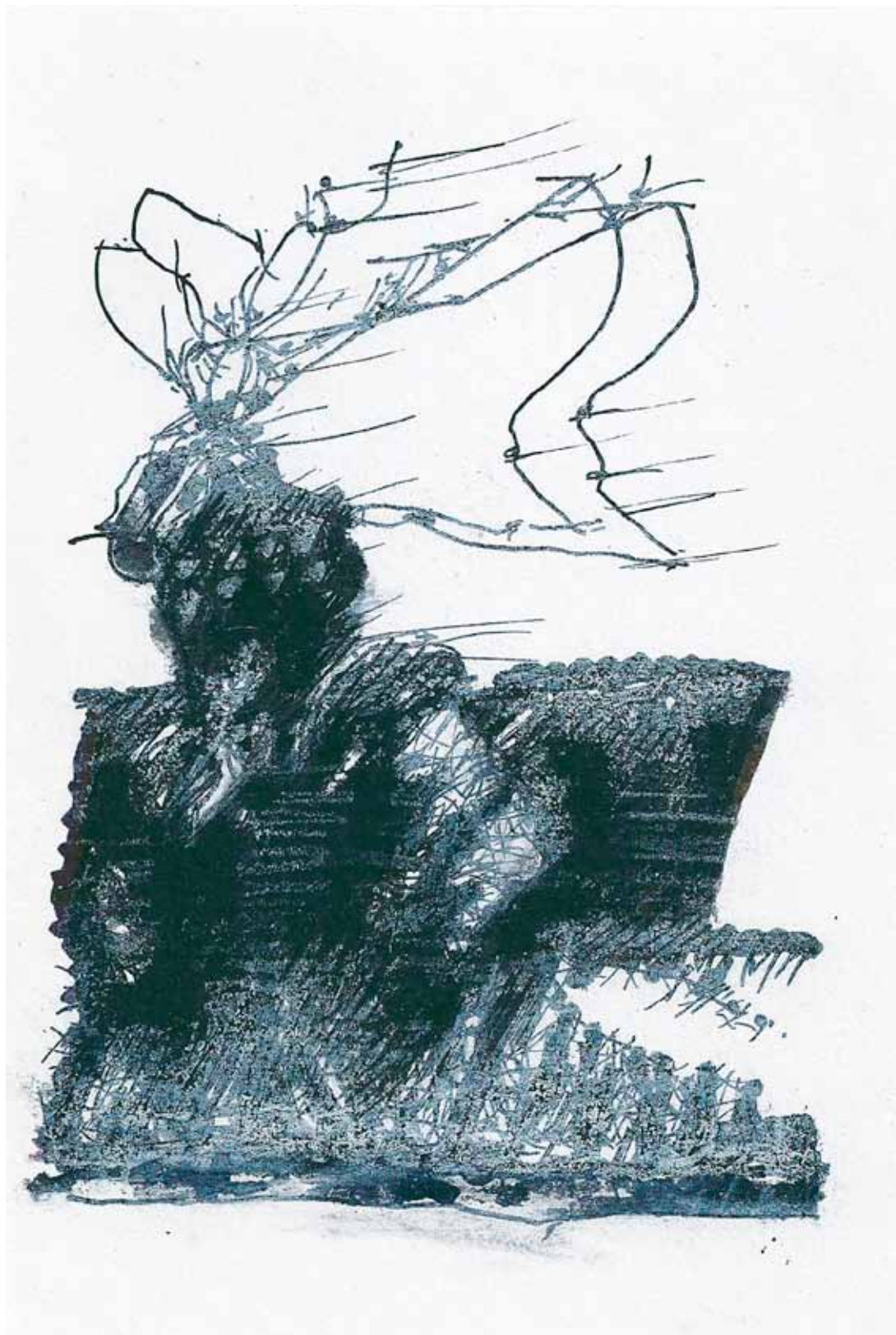
A partir de 1964, iniciou a publicação de artigos de divulgação e estudos sobre a expressão livre da criança, o dadaísmo, o “zen”, e a Escrita. Em 1966/67, foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris, onde trabalhou com o pintor Jean Degottex. Em 1972, prefaciou uma importante exposição de pintura de Henri Michaux, em Lisboa. Neste ano entrou para os corpos directivos da SNBA cargo que terminaria em 1992. Em 1998 foi distinguido com o Prémio Almada Negreiros, atribuído pela Fundação Cultural Mapfre Vida a pintores portugueses. A sua obra *Pintura Escrita*, em acrílico e pastel de óleo sobre tela, foi escolhida entre mais de 340 trabalhos concorrentes pelo júri, reunido no Porto.

Participou em inúmeras exposições de arte portuguesa e internacional e a sua obra encontra-se representada, nomeadamente, no Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian, no Museu do Chiado, na Culturgest, Lisboa, no Museu Amadeo de Souza Cardoso, Amarante, e na Fundação Cupertino de Miranda, Famalicão.



Eurico Gonçalves, ***Sem Título***

1963, tinta da china sobre papel, 27,5x19,5cm



## FERNANDO LEMOS

José Fernandes de Lemos nasceu em 1926 em Lisboa.

Designer gráfico, fotógrafo, desenhista, pintor, tecelão, gravador, muralista e poeta. Após cursar a Escola de Artes Decorativas António Arroio, entre 1938 e 1943, estuda pintura na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa. Dedica-se mais intensamente à fotografia no início da década de 1950. Registra imagens de intelectuais e artistas ligados ao movimento surrealista e também imagens cotidianas, transformadas por efeitos de luz. Atua como desenhista em litografias industriais e colabora com poemas e ilustrações na revista Uni/Pentacórnio. Viaja para o Brasil e fixa-se em São Paulo em 1953. Passa a trabalhar com desenho e pintura, apresentando uma produção não figurativa. Leciona artes gráficas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

Entre 1968 e 1970, ocupa a presidência da Associação Brasileira de Desenho Industrial - ABDI, da qual é membro fundador. Como escritor e ilustrador, integra a redação do jornal Portugal Democrático, órgão dos exilados políticos portugueses no Brasil, entre 1955 e 1975. Em 2003, é publicado o livro Na Casca do Ovo, o Princípio do Desenho Industrial, com seus escritos sobre design.

Recentemente a sua obra foi mostrada, em retrospectiva, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, naquela que é das mais relevantes instituições brasileiras ligadas às artes.

A Perve Galeria homenageou o autor com a apresentação da exposição "Desenho Diacrônico" em 2011, que mostrou 50 pinturas de pequeno formato que o autor foi realizando ao longo do ano de 2010, num registo de crónica plástica evolutiva e sùmula diarística.



## HENRIQUE RISQUES PEREIRA

Nasceu em Lisboa em 1930 e morreu nesta cidade em 2003. Entrou em contacto com o antiggrupo "Os Surrealistas" através de Pedro Oom em 1949, participou nas sessões do J.U.B.A., e com pinturas e desenhos nas duas exposições do grupo em 1949 e 1950. Assinou alguns dos mais importantes manifestos, panfletos, cartas e textos colectivos que surgiram ao longo da breve história do Surrealismo português no seu momento de intervenção mais ou menos organizada.

Amigo de António Maria Lisboa, manteve com este uma particular relação de cumplicidade e colaboração, da qual resultariam alguns manifestos e textos poéticos conjuntos. Ficou como prova desta amizade o depoimento emocionado e esclarecedor de Risques Pereira a propósito da sua relação com o autor de "Erro próprio" contido no volume Poesia de António Maria Lisboa organizado em 1977 por Mário Cesariny.

Conduzido por uma inquietação experimentalista, criou, entre os anos de 1949 e 1952, um amplo conjunto de desenhos que recriam um mundo figurativo delirante, em que a ocultação, as formas geométricas dos cristais, as manchas pretas e a aplicação de água sobre o suporte para impedir a adesão uniforme da matéria pictórica, constituíram algumas das técnicas fundamentais. A partir de 1953, data da morte de António Maria Lisboa, abandonou a arte para se dedicar à profissão de engenheiro civil, mas algumas obras do artista continuarão a vir à superfície em exposições colectivas de homenagem a um ou outro companheiro da aventura surrealista ou em antologias do Surrealismo português.

Após mais de 50 anos de silêncio, realizou a sua primeira exposição individual de 84 desenhos inéditos, na Fundação Cupertino de Miranda, Famalicão, em 2003, vindo a falecer logo após a inauguração, à qual já não pôde assistir. Data também de 2003 a edição póstuma da sua obra poética reunida no livro Transparências do Tempo, editado por Perfecto E. Cuadrado.



Henrique Risques Pereira, ***Sem Título***  
s/ data, tinta da china e grafite sobre papel, 19,5x14,6cm





## MALANGATANA

Nasceu em 1936, na Província de Maputo, Moçambique e faleceu em Janeiro de 2011 em Portugal. Estudou na Primária de Matalana e, posteriormente, em Maputo nos primeiros anos da Escola Comercial. Foi pastor, aprendiz de medicina tradicional e empregado no clube da elite colonial de Lourenço Marques. Tornou-se artista profissional em 1960, graças ao apoio do arquitecto português Pancho Guedes, que lhe cedeu a garagem para ateliê e que lhe adquiria dois quadros por mês. Foi detido pela polícia colonial, acusado de ligações à FRELIMO e ficou preso durante cerca de dois anos, tendo aí conseguido pintar, alguns trabalhos. “Guerrilheiros: Momentos de Decisão”, é disso testemunho. Após a independência foi um dos criadores do Museu Nacional de Artes de Moçambique onde procurou manter e dinamizar o Núcleo de Arte.

Malangatana destacou-se não só como artista plástico, mas também como poeta. A sua obra hoje é reconhecida em Moçambique e internacionalmente. Com a Perve Galeria participou em várias mostras colectivas como a exposição “Maniqueamente Ser” em 2001 ou “Da Convergência dos Rios” em 2004. Esteve representado por esta galeria na Feira de Arte Contemporânea Arte Lisboa 2004, 2005 e 2010 e em 2006 e 2008, na Arte Madrid. Foi galardoado com vários prémios tais como o 1.º Prémio de Pintura “Comemorações de Lourenço Marques”, 1962; Diploma e Medalha de Mérito da Academia Tomase Campanella de Artes e Ciências, Itália, 1970; Medalha Nachingwea pela contribuição para a Cultura Moçambicana, 1984, prémio da Associação Internacional dos Críticos de Arte, Lisboa, 1990.

Em 1995 foi condecorado em Portugal como Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique e em 1997 com o prémio Príncipe Klaus. Em 2010 recebeu o doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Évora. A sua vasta obra encontra-se em vários museus e galerias públicas, bem como em colecções privadas, de várias partes do Mundo.

Malangatana, *Sem Título*

1963, tinta da china sobre papel, 20x12cm

## MANUEL FIGUEIRA

Nasceu em 1938, na ilha de S. Vicente, Cabo Verde. Viveu em Portugal entre 1960 e 1974 onde concluiu o Curso de Pintura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Regressou a Cabo Verde em 1975 para colaborar com a revitalização da cultura popular deste arquipélago. Funda em 1976 a Cooperativa Resistência, com o objectivo de manter viva a tecelagem tradicional cabo-verdiana. De Janeiro de 1978 a Março de 1989 foi Director do Centro Nacional de Artesanato, onde orientou artisticamente o projecto, concebendo e executando obras suas, recorrendo às técnicas de tecelagem tradicional, tapeçaria e tingidura. Desde 1963 que o artista tem exposto em mostras colectivas e individuais. Destacam-se exposições na Áustria, Bélgica, Brasil, Espanha, França, Estados Unidos da América, Portugal e, naturalmente, Cabo Verde. No ano de 2005, a Galeria Perve apresentou a primeira retrospectiva de Manuel Figueira realizada em Portugal. Nesta exposição, "Visões do Infinito", foram apresentadas 126 obras do período compreendido entre 1963 (anterior à sua viagem para Portugal) e obras datadas de 2004. Pelo seu riquíssimo percurso, o artista foi agraciado com importantes distinções. Em 1988 recebeu o Prémio Jaime Figueiredo (do Ministério da Cultura e Desportos de Cabo Verde) e em 2000 recebeu a Medalha do Vulcão, condecoração atribuída, por ocasião dos 25 Anos da Independência, pela sua importância nas Artes Plásticas e na cultura de Cabo Verde. A sua obra está representada em inúmeras colecções públicas e privadas de diversos países, com destaque para as peças incluídas nas colecções do Museu de Ovar, Banco Fomento, Banco Totta & Açores, A.N.P. (Cidade da Praia, Cabo Verde), Embaixada de Cabo Verde para a ONU (Nova Iorque) Fundação Pró-Justiça e Palácio da Cultura (Cabo Verde).



Manuel Figueira, **Mocidade portuguesa em parada**  
1966, guache sobre papel, 30x43cm



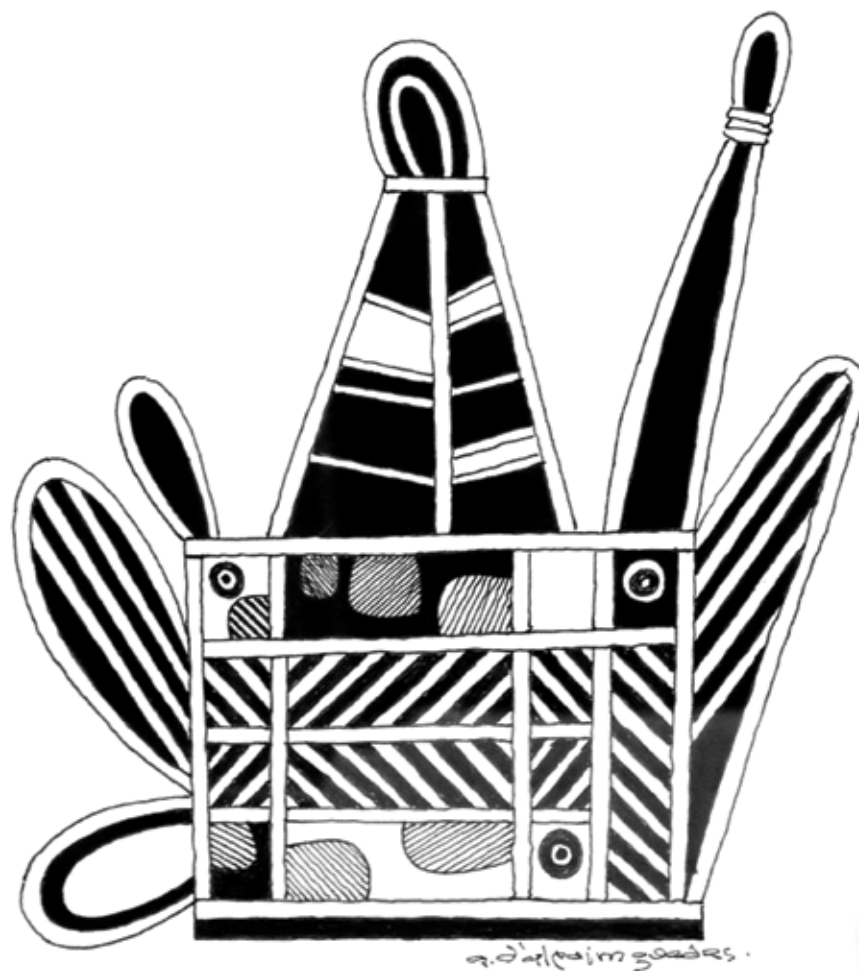


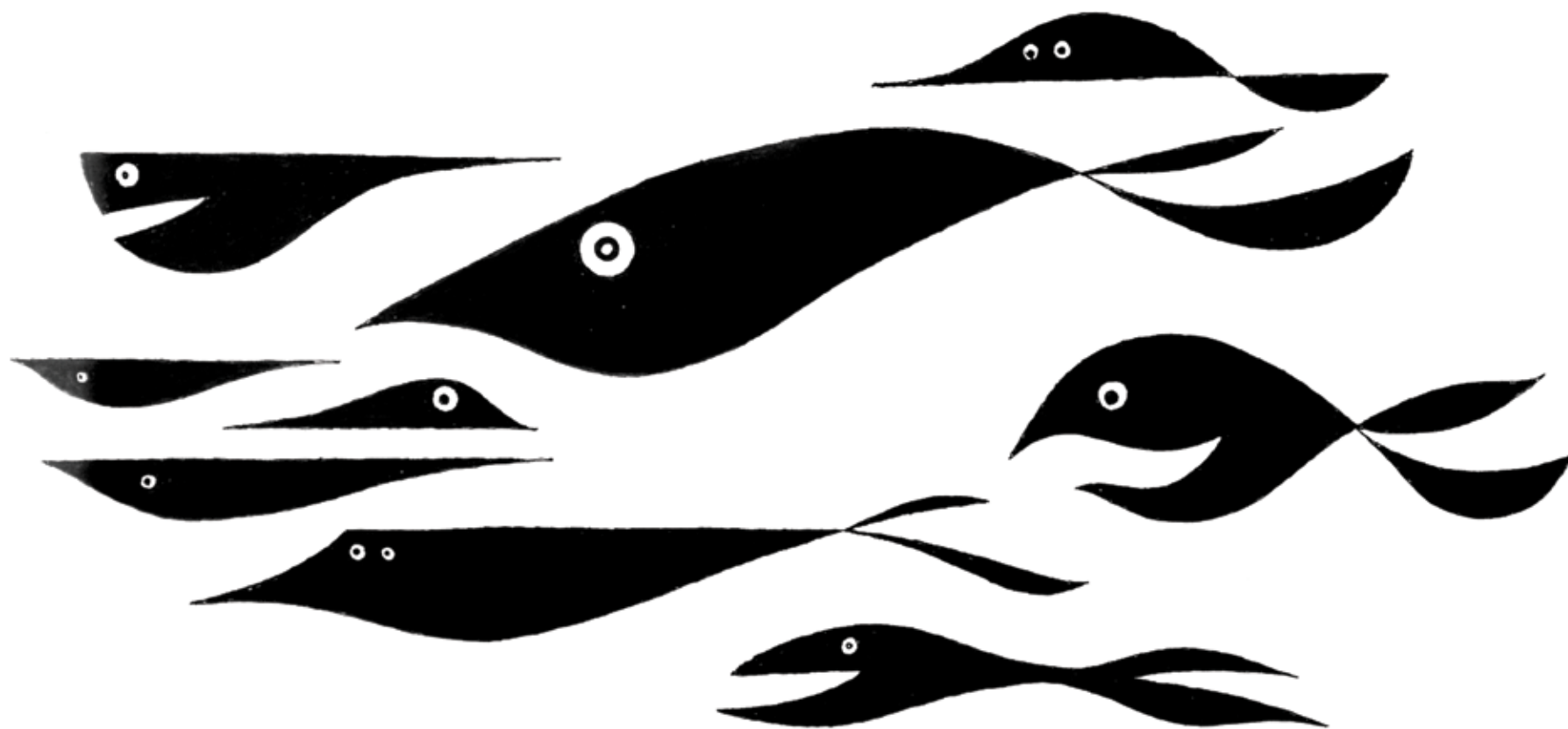
Manuel Figueira, *Plurim d'Pêxe mosca*  
1973, guache sobre cartolina, 48x48cm

## PANCHO GUEDES

Nasceu em Portugal em 1925. É arquitecto, escultor, pintor e professor. Foi professor e director do departamento de arquitectura na Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo. O seu período mais criativo passou-o em Moçambique, nas décadas de 50 e 60, onde fez mais de 500 projectos para edifícios, muitos deles construídos em Moçambique e alguns em Angola, África do Sul e Portugal. É conhecido, um pouco por todo o mundo, sobretudo em meios ligados à arquitectura. A sua imaginação visual absorve muitas influências, desde a arte africana ao surrealismo, e sintetiza-as num estilo que é reconhecivelmente seu. Em 1962 as suas obras foram publicadas na revista francesa "L'Architecture d'Aujourd'hui" com o título "Architectures Fantastiques". Nesse mesmo ano participou no 1º Congresso de Arte Africana em Salisbury, Rodésia, com a comunicação "The Auto-Biofarcical hour" onde apresenta pinturas, esculturas e outras obras que despertam um enorme interesse. Em 1987 teve uma exposição de desenhos e pinturas na Galeria Cómicos, em Lisboa, Portugal. A Perve Galeria realizou em 2005 a exposição antológica "VIVA PANCHO", comemorativa dos seus 60 anos de obra artística. Em 2006 projectou a Instalação, designada Lisboscópio, em parceria de Ricardo Jacinto para o espaço Esedra, uma clareira nos "Giardini" da 10ª Exposição Internacional de Arquitectura da Bienal de Veneza, Itália. Nesse mesmo ano participou na exposição "Acervo 06", Perve Galeria.

O Museu de Arquitectura da Suíça em Basileia inaugurou a 29 de Setembro de 2007, uma exposição intitulada "Pancho Guedes, an Alternative Modernist" que também foi apresentada, em 2008, na National Gallery do Museu Iziko da Cidade do Cabo, África do Sul. É comendador da Ordem de Santiago e Espada e recebeu a Medalha de Ouro para a Arquitectura do Instituto dos Arquitectos Sul-africanos, havendo sido doutorado "Honoris Causa" pelas universidades de Pretória e Wits, na África do Sul. Recebeu em 2004, a medalha de Mérito da Universidade lusófona de Humanidades e Tecnologias. É Membro Honorário da Ordem dos Arquitectos Portugueses.





a. d'g/peiy gudes.



## SHIKHANI

Nasceu em 1934 em Moçambique, filho de camponeses. Começou a dedicar-se à escultura no Núcleo de Arte como o mestre escultor português Lobo Fernandes. Em 1963, torna-se assistente do Professor Silva Pinto. Contemporâneo dos reconhecidos artistas Moçambicanos Malangatana e Chissano, a sua obra não é subsidiário de nenhum estilo: nela estão patentes, mais do que as suas raízes, sinais de um percurso muito próprio. Apresentando-se convictamente como nacionalista, enfrentou diversos obstáculos, perseguindo sempre ideais de liberdade. A sua pintura mais recente apresenta traços e cores muitas vezes agressivas, vibrantes, e irradiantes de luz. As suas formas são exuberantes, e minuciosas. A sua primeira exposição individual dá-se em 1968. Em 1973, recebe uma bolsa da Fundação Gulbenkian para realizar uma exposição individual. Até 1979 orienta aulas de Desenho no Auditório-Galeria, na cidade da Beira. Em 1982, recebe uma bolsa de estudo de seis meses, na ex-URSS. Em 2004 a Perve Galeria realizou uma exposição retrospectiva dos seus 40 anos de Pintura e Escultura onde também foi exibido um vídeo-documentário sobre si realizado por Cabral Nunes entre 1999 e 2004, que aborda o seu percurso plástico e vivencial, com entrevistas e imagens das suas obras de arte pública. Ainda por intermédio da Perve Galeria, participa nas Feiras da Arte Contemporânea Arte Lisboa em 2004 e em 2005 e na Arte Madrid, 2006 e 2007.

A sua obra está representada no Museu Nacional de Arte de Moçambique, na Coleção de Arte Africana da Caixa Geral de Depósitos, Lisboa, no Centro de Estudos de Surrealismo/Fundação Cupertino de Miranda, em Vila Nova de Famalicão e em diversas coleções particulares, dentro e fora do seu País.



Shikhaní, *Sem Título*

1968, aguarela e tinta da china sobre papel, 49x32cm





Shikhan, **Sem Título**  
1978, têmpera e tinta da china sobre papel, 35x50cm



Após os sucessivos momentos de independência nos PALOP e após o fim das guerras civis a que muitos estiveram submetidos, dá-se o proliferar de expressões artísticas com e sem de matriz identitária local. Cabo-Verde, enquanto exceção por não haver sofrido o peso de guerras fratricidas, acolhe dois excelentes artistas que têm o seu percurso ligado a Portugal: Manuel Figueira, nascido em São Vicente vai cursar belas-artes em Lisboa, na década de 60, retornando em 1975, a convite do governo, para formar e dirigir um Centro Nacional de Artesanato (CNA), que devolvesse identidade cultural e artística ao seu povo. Fá-lo acompanhado por uma antiga colega da faculdade, com quem se casa, a artista portuguesa Luísa Queirós, que viria a naturalizar-se Cabo-verdiana e que, com ele, desenvolve um trabalho de pesquisa sobre a matriz cultural e artística daquele arquipélago, culminando na formação do referido CNA, local onde, durante décadas, ensinam técnicas variadas de produção de tapeçaria, (algumas das quais, como a técnica de “baixo-liço”, fruto de intensa pesquisa dos processos tradicionais de tecelagem de Santo Antão), estimulando os aprendizes para conjugação de linguagens plásticas modernas, articuladas com narrativas particulares, fruto das vivências específicas das ilhas e com a captação da estética pictórica local. Esse tipo de processos combinatórios entre tradição e modernidade pode ser observado nas obras que se mostram dos dois artistas cabo-verdianos citados mas algo semelhante ocorreu com artistas de outros países africanos de expressão portuguesa, tal como se pode constatar nas obras do Paulo Kapela (Angola) ou de Reinata (Moçambique). Em todos eles se pode encontrar essa mesma vontade de criação, dentro de parâmetros já não submetidos ao gosto civilizacional do habitante colonial, de obras de arte simultaneamente capazes de albergar um sentido de modernidade e de alteridade, rompendo por essa via com os cânones estabelecidos, com uma noção particular de espaço, tempo e lugar determinado – o seu, de cada um, nesses territórios distintivos onde habitam – mas, igualmente, se pode ver a sua ligação a formulações plásticas de carácter mais tradicionalista, numa procura de resgate da memória específica do seu povo.

Inclui-se ainda, nesta mostra, referência às interceções estéticas e discursivas de artistas que, vivendo fora do contexto africano, por ele se deixaram influenciar, (re)interpretando-lhe formas, cores, plásticas e, especialmente, as fabulações – imprevistas para quem aí não nasceu. O caso de Albino Moura e de Mário Botas, ambos portugueses, é paradigmático disso mesmo: expressa um desejo quase latente de africanidade. As suas obras impregnam-se de miscigenação artística e cultural onde forma, traço, figuração e cor, sugerem mais do que um só país ou continente de influência/confluência. Há ali, seguramente, algo de formatação europeia, mas há mais ainda: misticismo, encantamento e história (matriz) africana.

Carlos Cabral Nunes

## INDEPENDÊNCIA

Albino Moura

Luisa Queirós

Mário Botas

Paulo Kapela

Reinata

### ALBINO MOURA

Nasceu em 1940 em Lisboa, Portugal. Autodidacta, foi decorador de publicidade, desenhador gráfico e ilustrador. Sob a orientação de Fred Kradolfer, trabalhou em decoração, pintura e cerâmica. Albino Moura tem um o longo percurso artístico com várias exposições individuais e colectivas, expondo regularmente desde 1959. Na Perve Galeria apresentou em 2003 a exposição individual “Erotismos” onde apresentou desenho, pintura e escultura. Esteve representado pela Perve Galeria na Arte Lisboa 2005 – Feira de Arte Contemporânea de Lisboa e na Art Madrid 07 e 08. Participou ainda em exposições colectivas como o “Acervo 06” e a exposição de reabertura da Perve Galeria “Olhar o Mundo” em 2008. Recebeu vários prémios de pintura das Câmaras Municipais de Abrantes e Vila Franca de Xira, a Medalha de Prata da Costa do Sol, modalidade cartaz – Comemorações do Dia de Camões, modalidade cartaz – Câmara Municipal de Palmela, 1985, modalidade cartaz – Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Prémio de Pintura Manuel Filipe, Menção Honrosa – Exposição de Pequeno Formato, Cascais, I Salão de Artes Plásticas, Sintra, 1992. Está representado na Câmara Municipal do Seixal, Museu de Arte de Moçambique, Museu Municipal de Almada, Museu Municipal do Sabugal, Câmara Municipal do Seixal, Câmara Municipal de Alcácer do Sal e em colecções particulares nacionais e estrangeiras.



Albino Moura, ***Cena familiar***  
2005, mista sobre papel, 35x50cm



### MÁRIO BOTAS

Mário Ferreira da Silva Botas nasceu em Nazaré, a 23 de Dezembro de 1952 e morreu em Lisboa a 29 de Setembro de 1983. Na vila natal passou a infância e a adolescência. Ali fez os seus estudos primários e secundários.

Em 1970 ingressou na Faculdade de Medicina de Lisboa, onde se licenciou em 1975 com alta classificação.

O seu nome ficou no entanto ligado à pintura, ao desenho e à ilustração. Fez a primeira exposição individual na Nazaré em 1971. Em 1973 expôs na Galeria S. Mamede em Lisboa.

A sua obra recebeu então a atenção dos galeristas e críticos de arte tanto em Portugal como no estrangeiro e foi reconhecida como de uma enorme qualidade e inovação. Faleceu com 30 anos a 29 de Setembro de 1983 em Lisboa vítima de uma leucemia diagnosticada em 1977. Em Setembro de 1984 foi instituída a Fundação Casa-Museu Mário Botas na Nazaré.

A sua extensa obra foi apresentada em várias exposições póstumas.

A Perve Galeria organizou em 2011 a exposição "Eu-próprios o outros", com obras de Alfredo Luz, Cruzeiro Seixas e Jorge Pé-Curto, sobre desenhos originais de Mário Botas.



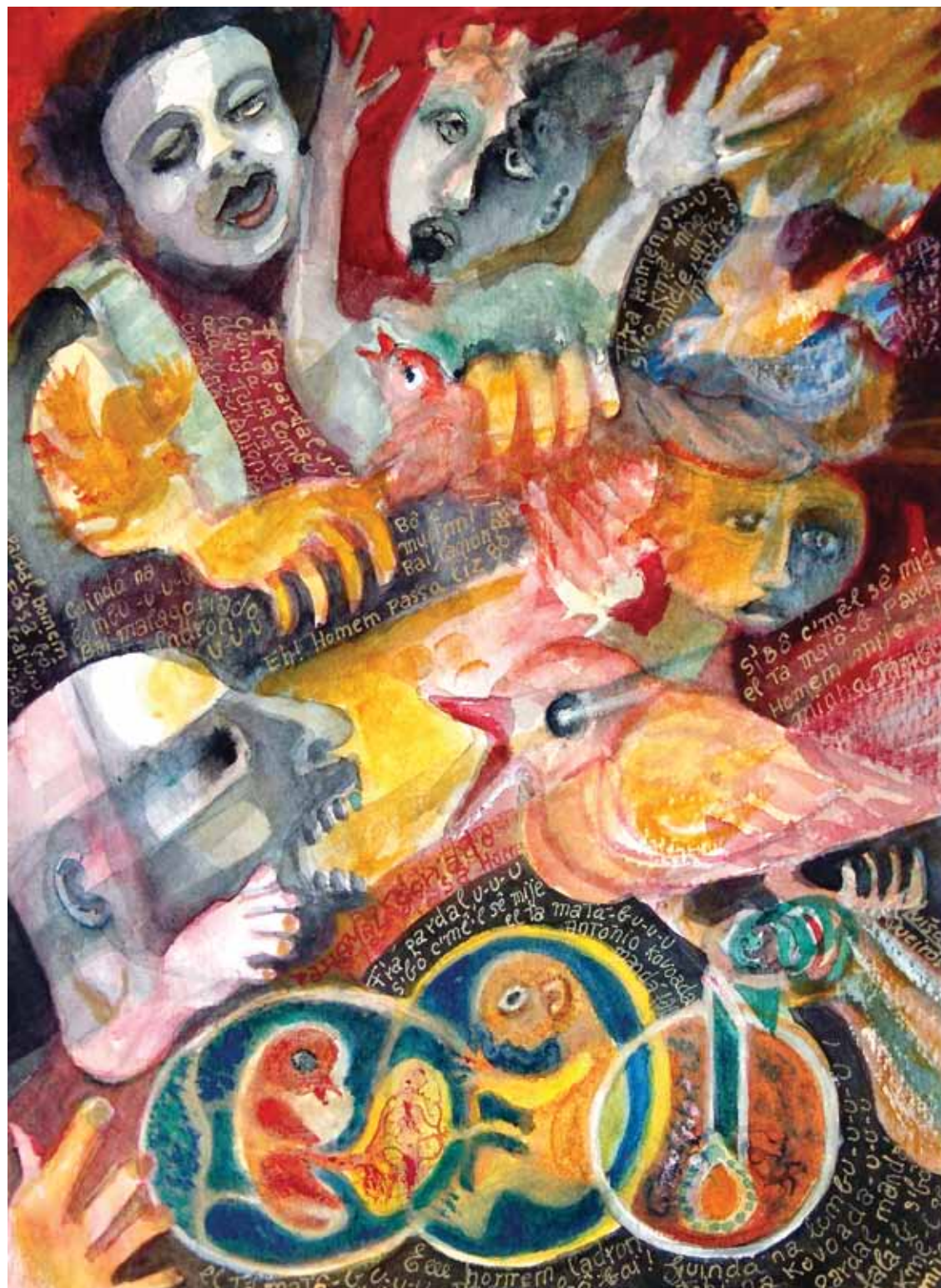
## LUÍSA QUEIRÓS

Nasceu em Lisboa, Portugal. Em 1964 concluiu o Curso Geral de Pintura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian.

Entre 1964 e 1977 leccionou Educação Visual em Lisboa e S. Vicente (Cabo Verde). Em 1976 participa na criação da Cooperativa Resistência, com o artista Manuel Figueira, onde inicia a sua actividade como tecelã. Em 1978 participa na criação do Centro Nacional de Artesanato onde lecciona tecelagem, tapeçaria e batik. Desde os anos 70 tem-se distinguido como criadora de marionetes (Instituto de Meios Audiovisuais, Lisboa) e ilustradora de livros. Destaca-se, em 2002, a publicação do livro de José Saramago, "Momentos Mágicos na Ilha, Jangada de Pedra", com catorze ilustrações da sua autoria. Realizou, desde 1970 várias exposições individuais e colectivas, em Cabo-Verde, Portugal, América Latina e Europa. Em 2005 expôs no 5º Aniversário da Perve Galeria em Lisboa e esteve representada pela Perve Galeria na Arte Lisboa 2005 – Feira de Arte Contemporânea de Lisboa. Em 2007 e 2008 os seus trabalhos foram também apresentados em Madrid na Feira de Arte contemporânea Art Madrid.

A sua obra representada em várias colecções públicas e privadas como na Embaixada de Cabo Verde em Nova Iorque, Embaixada de Portugal em Cabo Verde, no Palácio da Assembleia e no Palácio da Cultura, na Praia - S. Tiago. Com um painel de azulejos no Mercado do Peixe, S. Vicente e várias tapeçarias, no Museu do ex-Centro Nacional de Artesanato em S. Vicente, Cabo Verde. Em 1990, recebeu o Prémio da Comissão da Unesco e do Centro Nacional de Cultura Português, para banda desenhada e, em 1998, o Grande prémio Gulbenkian de Literatura para crianças.

A Assembleia Geral da Associação Mindelact distinguiu a artista plástica Luísa Queirós com o Prémio de Mérito Teatral 2006. As razões desta atribuição prendem-se com o seu trabalho na componente da ilustração de cartazes, programas e logótipos teatrais. Reside em Cabo Verde desde 1975.



Luísa Queirós, *S'bô camê'l sê midje, el tá matá-lo*  
2004, aguarela sobre papel, 34x25cm





Luísa Queirós, *Cantiga de trabalho-Xô galinha do mato, Xô homem malvado!*  
2004, aguarela sobre papel, 34x25cm



## PAULO KAPELA

Nasceu em 1947 na República Democrática do Congo. Autodidacta, começou a pintar em 1960 na escola Poto-Poto em Brazzaville, Congo. É colaborador na UNAP – Associação Nacional de Artes Visuais, Luanda.

Paulo Kapela aglutina nas suas instalações (colagens e assemblagens) despojos da sociedade moderna com imagens das figuras centrais dos movimentos sociais e políticos, resultado do fluxo de acontecimentos históricos que marcaram o século XX em África e no Mundo como foram os movimentos independentistas africanos. Realizou várias exposições individuais e colectivas das quais se destacam, em 1995, a exposição colectiva “Africus” da I Bienal de Joanesburgo, África do sul, em 2003 “Tons e Texturas da Angolanidade” no Fórum Telecom – Lisboa, em 2004 “África Remix” exposição colectiva em Londres e Dusseldorf e em 2005 no Japão. Faz parte da colecção “Obras de Artistas de África” na Caixa Geral de Depósitos, Lisboa, estando representado na exposição “Mais a Sul” em 2005. Expôs na colectiva Sindika Dokolo - Colecção Africana de Arte Contemporânea em Luanda, 2006.

Em 2007 esteve representado na 52ª Bienal de Veneza, Itália. Em 2003 recebeu o prémio CICBA Award CICIBA - International Center for Bantu Civilizations Congo. Vive e trabalha em Luanda, Angola.



Paulo Kapela, **Sem Título - Composição com 24 pinturas**

2004, mista sobre papel, série com 24 obras - 11,5x15cm (cada obra)



## REINATA

Nasceu em 1945, na aldeia de Nemu (Planalto de Mueda e Província de Cabo Delgado), Moçambique. Filha de camponeses, recebeu a educação tradicional da etnia MaKonde, que incluía o fabrico de objectos utilitários em barro. Em 1975 inicia uma transformação profunda na sua cerâmica, começando a ser conhecida em Cabo Delgado pelas suas “formas estranhas”. As suas peças devem muito à sua origem Makonde. Algumas exibem caras e corpos tatuados, outras apresentam uma universalidade que as torna legíveis em qualquer parte do mundo. Reinata consegue transformar o que há de mais ancestral numa linguagem verdadeiramente contemporânea. Devido à guerra, emigra para a Tanzânia, em 1980, onde permanece até 1992, voltando então a Maputo. Em 1998 realizou aí uma semana de ensino sobre cerâmica tradicional. A Perve Galeria realizou em 2004 a primeira exposição individual de Reinata Sadimba em Portugal - “Makono la Mashinamo” (Mãos de Escultura). Muitos dos trabalhos apresentados foram realizados em Portugal durante uma curta estadia.

Reinata é uma artista reconhecida internacionalmente tendo já apresentado as suas obras, a título individual, em locais tão distintos como a Tanzânia, Paris, Basileia ou Milão. A sua obra está representada no Museu Nacional de Arte de Moçambique, na colecção das Nações Unidas, no Museu Nacional de Etnologia (Lisboa) e na Colecção de Arte Africana da Caixa Geral de Depósitos (Lisboa), para além de inúmeras colecções privadas no seu país e no estrangeiro.



A questão, sempre eminente, do futuro, no caso em apreço “qual futuro para a arte nas Lusofonias?”, há que colocar-se uma outra, sub-reptícia mas talvez mais pertinente, que se relaciona com o presente da arte: aos autores de agora, em particular aos novos, que se iniciam nos processos expositivos, é-lhes proporcionado o acompanhamento necessário para que possam não sucumbir ante os inúmeros obstáculos que se lhes colocam para que possam, nesse futuro, haver granjeado o reconhecimento público que o seu trabalho merece (e que o autor deseja)? Mais ainda: será, com efeito, necessário desbravar caminho para que os artistas lusófonos possam almejar um patamar de visibilidade com efetiva projeção internacional mas estão as instituições, públicas e privadas, disponíveis e capazes de empreender semelhante trabalho ou antes esperam que sejam os autores, sozinhos, a percorrer tão espinhoso trajeto até, por fim, serem considerados merecedores dos apoios mecenáticos de quem tem, não só a missão, o retorno que tal projeção, num contexto global, acarreta? E ainda: Quem, de entre os artistas que vão aparecendo, tem condições para desenvolver linguagens pictóricas e narrativas capazes de se tornarem paradigma de novidade no campo globalizado das artes plásticas, no futuro? E quem os valida, lhes atribui créditos à partida, possibilitando-lhes o começo? Estas questões, entroncadas na questão do futuro (que futuro?) das artes plásticas nas Lusofonias, estão e, muito possivelmente, estarão sempre por resolver. No entanto, arriscando errar, sobretudo porque me incluo no lote, coube-me retirar da coleção da Perve Galeria, para mostrar nesta exposição, algumas obras que têm em comum viajarem no limite da sua própria fragilidade, quase seres suspensos num instante parado no tempo, fotografado numa reformulação de um pequeno (nano) mundo semanticamente construído (em sustenido). Todas elas partilham dessa mesma visão de precariedade, vulnerabilidade, dos discursos propostos, suas formulações plásticas e respetivos suportes. Talvez até mesmo da disposição das obras no contexto expositivo se possa depreender a efemeridade que se lhes assoma, podendo levar a crer que não passarão o teste dos anos. Mas é disso que se trata, pois, de saber se somos capazes de perpetuar a memória dos que hoje acreditam que continua viável e enriquecedor o caminho artístico da expressão plástica individual que tem por elo as Lusofonias e, dentro desta, a que tem origem (miscigenada) em África. Chegados aqui, ao conceito clarificador desta coleção, que pretende elevar o sentido miscigenado das Lusofonias, muito em linha com o que Oswald de Andrade (Brasil) professou no seu Manifesto Antropofágico, apresentado em 1928 em São Paulo, torna-se imperioso esclarecer a visão que precede a constituição da própria Perve Galeria e que lhe dá origem: que não se pode ou deve falar de Lusofonia, pois que isso implica um conceito unívoco que é importante desmontar, sob pena de podermos, nisso, encontrar quaisquer tentações ou derivas pós-coloniais que urge enjeitar por todos os motivos e, especialmente, por ser deformador da realidade. Nos países que se expressão em português existe, na verdade, a apropriação contínua, a antropofagia cultural, que origina em cada território e em cada momento novos sentidos, particulares sentidos, lusófonos. Não há uma mas sim várias e múltiplas Lusofonias, cada um tendo e fazendo a sua própria construção e demandando caminho a percorrer. Portugal, donde muito de mau e bom partiu no passado tem uma responsabilidade histórica para com os países que os nossos antepassados colonizaram e exploraram. Desde logo, temos de reconhecer que o que nos distingue dos outros povos europeus é a matriz afro-brasileira-orientalista da nossa cultura atual; que o povo português, por força de razão, só existe hoje porque soube miscigenar-se com os povos com que se cruzou e, destes, os africanos são aqueles que mais contributo deram àquilo que hoje somos. É a base discursiva desta coleção e o sentido motriz da Perve Galeria, na expectativa que, um qualquer dia, se possa edificar num dos países luso-falantes uma instituição cultural e museológica que dê expressão objetiva às Lusofonias.

Carlos Cabral Nunes

## FUTUROS, MISCIGENAÇÃO E DIÁSPORA

Ana Silva  
Cabral Nunes  
Gabriel Garcia  
João Garcia Miguel

## ANA SILVA

Nasceu em 1970 no Calulo, Angola. Em 2002 vem para Portugal, onde frequentou um curso de formação artística em Desenho, Pintura e História de Arte, na ArCo, em Lisboa. Em 1999 faz a sua primeira exposição individual na Alliance Française, em Luanda. No mesmo ano dedica-se à escultura, pintura e cerâmica. As exposições em Angola vão-se repetindo ao longo dos anos, destacando-se a Exposição Colectiva de Pintura, no Banco Africano de Investimentos, em 2000, e a Exposição de Pintura e Escultura, na Embaixada de Itália em Angola em 2001. Já em Lisboa, realizou uma exposição individual "Dizer que somos pessoas" em 2002 e, em 2003, a exposição "Seres suspensos" na Perve Galeria. Foi ainda responsável pela elaboração de capas de livros do escritor Ondjaki, como "Bom dia camarada" e "Há Prendizagens com o Xão", ambos editados em Portugal pela Caminho; bem como pelo vestuário e cenografia do espectáculo de teatro e dança "Yeux bleus, Cheveux noirs", de Marguerite Duras, adaptado por Fabrizio dal Borgo, em Luanda, em 2001. Em 2001 ganhou o 2º lugar no Concurso De Beers, Luanda, Angola.



Ana Silva, *Seres suspensos / Sentir*

2004, técnica mista sobre zinco com retro iluminação, 100x92cm



#### CABRAL NUNES

Nasceu em 1971 em Moçambique. Passou a viver em Portugal a partir de 1975. Foi aluno na Academia Artística de Remscheid, Alemanha, em 1989. Amigo e admirador da obra de Artur Bual e de Mário Cesariny, a eles deve o incentivo para expor as suas obras, a partir de 1997. No mesmo ano realiza um manifesto sobre o conceito de Arte Global, que deu origem à criação do Colectivo Multimédia Perve, de que é membro fundador e coordenador artístico. Como autor multimédia, recebeu vários prémios em Portugal e no estrangeiro. Foi membro do júri do "Top Talent Award" em 2003. Frequentou o curso de "Digital Multimedia Authoring" no Arthouse Multimedia Centre for the Arts, Dublin, Irlanda, e é membro permanente da Academia Europeia de Media Digital, Utrecht, Holanda. Exerce funções de comissário e curador em exposições de arte contemporânea realizadas pela Perve Galeria, desde 1999. Participa regularmente como formador e orador, expondo o seu trabalho audiovisual e multimédia, em cursos, seminários e conferências em território nacional e em países tais como Espanha, França, Alemanha, República Checa, Áustria e Brasil. É realizador da série documental "NOMA" (1999-...), composta por 24 filmes dedicados à arte contemporânea.

Em 2008 fez um projecto de curadoria na Trienal de Praga (ITCA 2008) e também "MOBILITY- Re-Reading the Future", projecto inserido no plano de curadoria desta trienal. Participou em várias exposições colectivas, entre as quais as exposições colectivas "O Figura – Homenagem a Artur Bual", 1997, "Razões de Existir, 2001 e na feira Arte Lisboa, 2005, entre outras. Relativamente a exposições individuais, realizou "M. Arte" na Perve Galeria, 2002, "(nós) Para além do Mar", 2002 e "Zoomorfismos da cor, 2003. Foi distinguido com, entre outros, o Prémio Jovem - Arte Contemporânea na XI Bienal de Vila Nova de Cerveira, 2001, Prémio "Design Visual e Interação" do Prémio Nacional de Multimédia, 2001 e a "Menção Honrosa" atribuída pelo júri do Prémio Nacional de Multimédia, 2001.

Cabral Nunes, *Mutaçao da dupla face de Ebano*  
2006, mista sobre papel, 28x21cm



## GABRIEL GARCIA

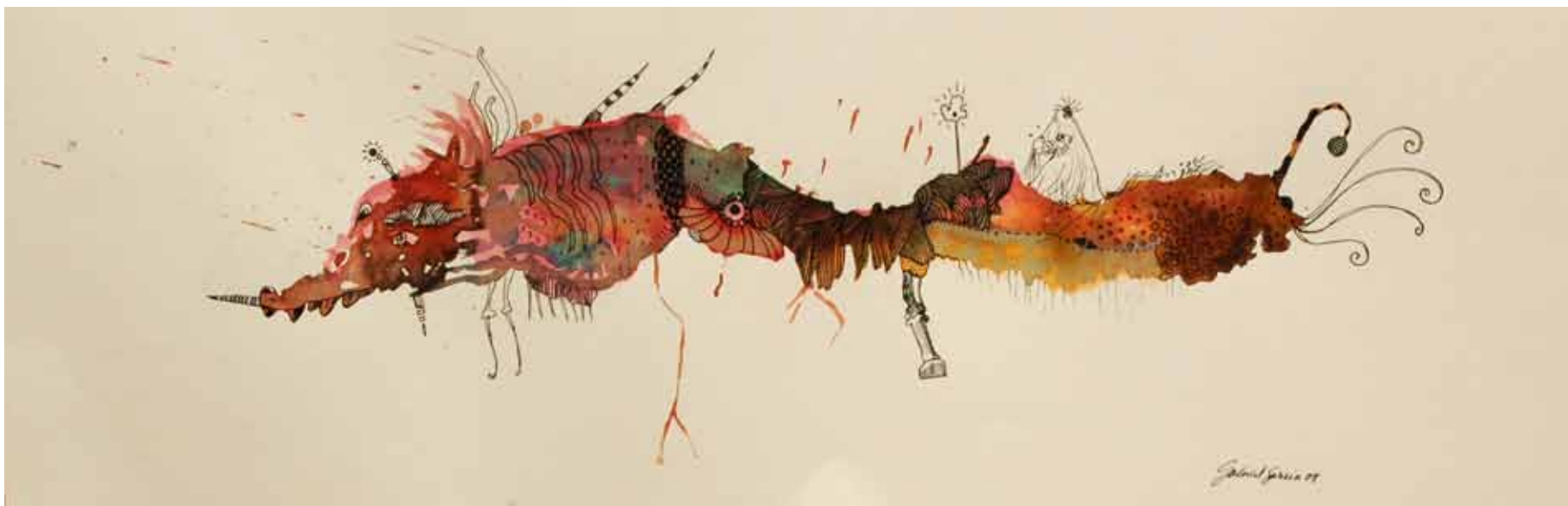
Nasceu na ilha do Pico-Açores em 1977, Portugal. Na ilha de S.Miguel-Açores, frequentou entre 1994/95 o ateliê de expressão plástica - desenho e pintura - da Academia das Artes de Ponta Delgada, orientado pelo pintor Filipe Franco. Em 2005 terminou a licenciatura em Pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Além da sua formação académica, frequentou vários workshops e cursos, de fotografia, cena-dramaturgia, ilustração científica, entre outros. No seu ainda inicial percurso artístico, participou em várias exposições individuais e colectivas. Destaca-se em 2000 a exposição individual na biblioteca José Saramago – Beja, Portugal - de desenhos baseados na obra de José Saramago “O conto da Ilha Desconhecida”, quando da visita do Prémio Nobel a esta instituição.

Em 2003 exposição de pintura e gravura “Memoriar”, na Perve Galeria. Em 2007, participa com o projecto “Membranas” no colectivo IndigoNoir&Mécanosphère no Instituto Franco-Português em Lisboa. Em 2008, exposição Gravura Contemporânea, de alunos e ex-alunos da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, no Museu Nacional de História Natural. Em 2008 expôs no 62º Salon des Artistes du Hurepoix, Paris. Esteve ainda representado na Trienal de Praga (ITCA 2008) no projecto de curadoria da Perve Galeria – Mobility, “Re-reading the future”. Esta exposição esteve também patente nas galerias KAIKU e FAFA da Academia Finlandesa de Belas Artes em Helsínquia, no Panteão Nacional em Lisboa e na Galeria Nacional em Sofia. A sua obra está representada em diversos acervos e colecções privadas.

Gabriel Garcia, **Sem Título**

2008, aguarela e tinta da china sobre papel, 62x24cm





Gabriel Garcia, **Combinação de formas**  
2008, aguarela e tinta da china sobre papel, 25,5x71,2cm

## JOÃO GARCIA MIGUEL

Nasceu em 1961 em Lisboa, Portugal. Licenciado em Pintura pela ESBAL. Fez uma pós-graduação em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação. Mestrado, com o título “O Actor Imagem”, no ISCTE. Em 2007 foi doutorando em “Teoria, Historia y Práctica del Teatro” pela Universidade Alcalá de Henares, Madrid.

Lecciona Teatro, Animação Cultural e Som e Imagem na ESAD, nas Caldas da Rainha. Deu aulas de formação em várias escolas e foi tutor de estágio académico em colaboração com a Universidade de Évora. É membro fundador do grupo Canibalismo Cósmico, cuja actividade se desenvolveu na área da performance/instalação, das quais se destacam “O Enigma da Fonte Santa” (1990) e “Redondo” (1995). É também membro fundador da Galeria ZDB e do grupo de teatro OLHO, Destaca El – Levando-os aos Ombros em Passo de Marcha Sincopada ao Quarto Tempo (Menção Honrosa do Prémio ACARTE/ Maria Madalena de Azeredo Perdigão, Fundação Calouste Gulbenkian) e Guerreiro (cenografia, figurinos e bandas sonoras originais premiadas no Concurso Teatro na Década, Clube Português de Artes e Ideias). Organizou, juntamente com o Olho, o Festival X – que continua a organizar e a dirigir artisticamente. No trabalho como intérprete, destaca-se “À espera de Godot”, de Beckett, encenação de João Fiadeiro e Homens-Toupeira, que co-realizou com Edgar Pêra. Criou e encenou o espectáculo “Especial Nada” e co-criou com Clara Andermatt e Michael Margotta a peça “As Ondas” (2004). Já em 2005 encenou para o Teatro Bruto a peça “Ruínas”, onde expôs um conjunto de quadros feitos com base nas personagens da peça. Participa pela primeira vez na Perve Galeria com a exposição individual “Sem Título há 20 Anos” integrada no 2º Encontro de Arte Global, no qual também participa com a encenação de “A Velha Casa” de Luiz Pacheco.



João Garcia Miguel, **Casal e o Garfo**  
1989, mista sobre tela, 116x81 cm

## EPÍLOGO

Trata-se de colocar algo, depois do ponto final que esta mostra encerra. E diz-se final porque se enquadra no espírito de uma coleção de arte das Lusofonias, proveniente do acervo da Perve Galeria, dada a conhecer primeiramente no mês de Março do ano de 2009, em Lisboa e, posteriormente, em Novembro de 2010, no Senegal.

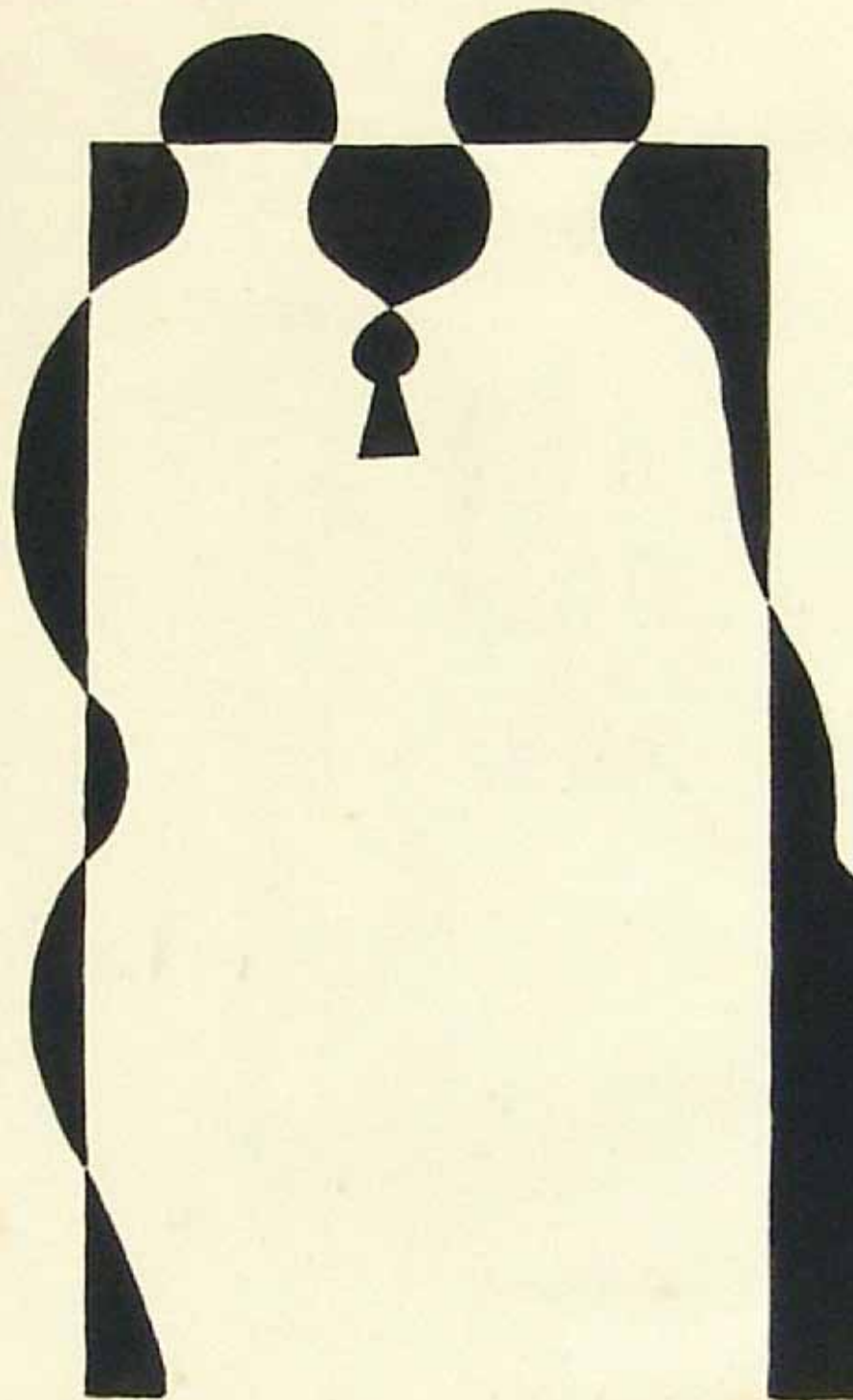
Possivelmente, daqui por um ano, com mais obras e artistas representados nesta Galeria, a seleção seria outra, assim como a temática e a estrutura de síntese da própria exposição, até porque não é nem necessário, nem expectável, a repetição monocórdia, no mesmo ou noutro local, de semelhante mostra de arte. Convirá, isso sim, que esta mostra possa percorrer outras distâncias e ser apresentada a outros olhares que lhe perscrutem os indícios d'ouro, se os houver, e as contradições, que as haverá.

Por essa força de razão se acrescenta, após o fim, algo mais: a já quase certeza de que esta exposição se mostrará em, pelo menos, mais um país de África, desta feita num que se expressa em português: Angola. E também, acrescente-se, um sonho: voltar a mostrar arte das Lusofonias noutro contexto expositivo, no Brasil, em São Paulo, no próximo ano, altura em que se celebra o Ano de Portugal no Brasil. Depois, em anos vindouros quaisquer dos que (se) me restem viver, levar esta coleção a outros destinos, outras culturas para lá dos territórios onde o português se fala, para que nos conheçam e nos possam apreciar. E, finalmente, ainda um desejo: de ver um dia edificado um Museu dedicado à Arte Contemporânea da Lusofonia. Se não for em Lisboa, cidade-solar que me acolhe desde que, com quatro anos, saído de Moçambique, aqui cheguei, seja noutra qualquer cidade que se expresse nesta nossa língua comum.



# Homenagem a **Cruzeiro Seixas**

Um passo à frente em África



# **Homenagem a Cruzeiro Seixas**

## **Um passo à frente em África**

Artur Manuel Rodrigues do Cruzeiro Seixas nasceu na Amadora a 3 de Dezembro de 1920. Em 1935, matriculou-se na Escola de Artes Decorativas António Arroio, em Lisboa, onde conheceu, entre outros, Mário Cesariny, Marcelino Vespeira, António Pimentel Domingues, Fernando José Francisco, Fernando Azevedo e Júlio Pomar.

Depois de uma fase expressionista-neo-realista, as inquietações plásticas e os desejos de libertação estéticos e ideológicos levam Cruzeiro Seixas a abraçar o projecto perfilhado por “Os Surrealistas”, tornando-se uma das figuras de referência daquele grupo fundado em 1947 e liderado por Mário Cesariny de Vasconcelos. Desde que assumiu os preceitos de “Os Surrealistas” não mais os abandonou, mantendo-se fiel ao onirismo figurativo dessa poética que empregou também em colagens e objectos. Com Mário Cesariny, António Maria Lisboa, Mário Henriques Leiria, Pedro Oom, Fernando José Francisco, Risques Pereira, Fernando Alves dos Santos, Carlos Eurico da Costa, Carlos Calvet e António Paulo Tomás, participa na Primeira Exposição de Os Surrealistas em Lisboa. No ano seguinte, participa na segunda exposição de “Os Surrealistas” (Lisboa, Livraria Francesa) e assina diversos manifestos e folhas volantes.

Em 1951 alista-se na Marinha Mercante, viaja até à Índia e Extremo Oriente, acabando por se fixar em Angola, durante doze anos, onde descobriu a arte dita “primitiva”, em consonância com a recuperação que desta arte fizera o modernismo internacional. Aí realizou uma parte significativa da sua obra, desenhada, pintada, objectualizada e escrita e foi, precisamente, em Luanda que realizou a sua primeira exposição individual apresentando 48 desenhos sob a evocação de Aimé Césaire (Cinema da Restauração, 1953). Esta e, em especial, a 2ª exposição que viria a realizar no continente africano, assim como todas as que aí realizou, foi alvo de enorme controvérsia. Em 1960 inicia trabalho no Museu de Angola organizando exposições em moldes absolutamente novos no país.

Em 1964, com o intensificar da Guerra Colonial, Cruzeiro Seixas, por discordância integral com o regime colonial, vê-se constringido a regressar à Europa e, de volta a Portugal, participa em inúmeras exposições.

O trabalho que iniciara no Museu de Angola prossegue-o em Lisboa, onde será consultor artístico da Galeria S. Mamede, e posteriormente no Estoril (1976-83), dirigindo a Galeria da Junta de Turismo da Costa do Sol e, em Vilamoura, a Galeria D'Arte (1985-88). Durante os cinco anos em que foi consultor artístico da Galeria S. Mamede, organizou exposições de, entre outros, António Areal, Mário Cesariny, Jorge Vieira, Júlio, Carlos Calvet, Paula Rego e Maria Helena Vieira da Silva e em muito contribuiu para a promoção de artistas emergentes tais como Eurico, Raúl Perez e Mário Botas. Ainda neste espaço, pela primeira vez, são apresentadas no país obras de Henri Michaux e do Grupo Cobra.

O ano de 1969 seria prolífico em exposições: participa, entre outras, na XII Exposição Surrealista de São Paulo (Brasil), inaugura com Mário Cesariny a Exposição Pintura Surrealista na Galeria Divulgação no Porto, novamente com Cesariny integra a Exposição Internacional Surrealista, organizada por Laurens Vancrevel em Scheveningen (Holanda) e, por último, é organizada a primeira retrospectiva de Cruzeiro Seixas na Galeria Buchholz (Lisboa), com folha volante de Pedro Oom e prefácio de Rui Mário Gonçalves.

Na década de 70 edita com Cesariny “Reimpressos Cinco Textos Surrealistas em Português”, “Aforismos de Teixeira de Pascoaes” e “Contribuição ao registo de nascimento, existência e extinção do Grupo Surrealista Português”. Participa em inúmeras colectivas do movimento surrealista internacional, principalmente

aquelas ligadas ao Grupo Phases (liderado por Édouard Jaquer). Posteriormente, dá continuidade ao trabalho iniciado na Galeria de S. Mamede nas citadas galerias do Estoril e de Vilamoura, durante mais de uma década.

Em 1999, doa a totalidade da sua colecção à Fundação Cupertino de Miranda, com vista à constituição de um Centro de Estudos e Museu do Surrealismo. No ano seguinte, a Fundação organiza, por ocasião do 80º aniversário de Cruzeiro Seixas, uma exposição retrospectiva e de homenagem ao artista.

Em 2001 expõe com Eugenio Granell na Galeria Sacramento, em Aveiro e, nesse mesmo ano, tem lugar uma sua grande exposição retrospectiva na Fundação Eugenio Granell (Santiago de Compostela).

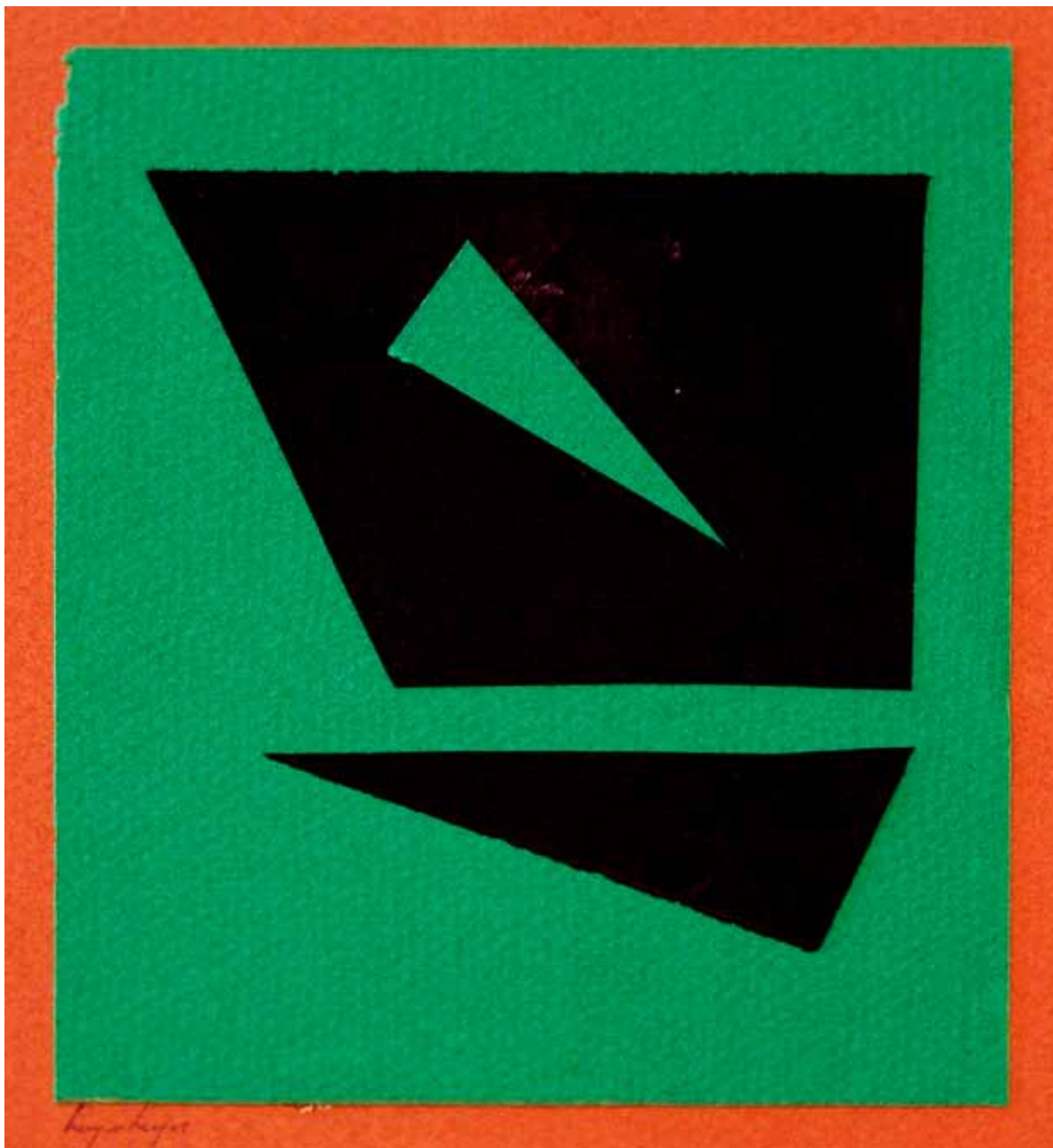
Nos anos seguintes, são organizadas inúmeras exposições em torno da sua obra e, hoje, mesmo depois de ter ultrapassado a barreira dos noventa anos de idade, Cruzeiro Seixas continua a expor.

Artista Versátil, explorou, ao longo de décadas, as infinitas poéticas do Surrealismo. Animou a renovação da arte portuguesa, propiciando exposições de artistas novos e a divulgação de artistas e movimentos internacionais nas galerias onde colaborou; Figurou em inúmeras exposições colectivas e individuais em Portugal e no estrangeiro, refira-se: “Maías para o 25 de Abril”, que pretendia mostrar as obras proibidas pelo fascismo (1974), exposição de Cadavres-exquis e pinturas colectivas por ocasião dos 50 anos do Surrealismo (Galeria Ottolini, 1975), Exposição de homenagem a Conroy Maddox - Surrealism Unlimited (Londres, 1978), “Presencia viva de Wolfgang Paalen”, (México, 1979), “Desaforismos” individual na Galeria Soctip (1989, Prémio de Artista do Ano, instituído pelo Centro de Arte SOCTIP); trabalhou como ilustrador, colaborando, por exemplo, com as revistas surrealistas Brumes Blondes (Holanda), Phases (França) e La Turtue-Lièvre (Canadá) e realizou, entre outras, ilustrações para Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica (dos Cancioneiros Medievais à Actualidade) de Natália Correia que originou um processo por “abuso de liberdade de imprensa”; Executou cenários para a Companhia Nacional de Bailado e para a Companhia de Bailado da Gulbenkian. No campo literário, para além da vasta edição da sua obra poética, redigiu prefácios para exposições dos seus amigos e colegas pintores.

Cruzeiro Seixas está representado em enumeras colecções públicas e privadas. Tem exposto com regularidade, colectivamente, na Perve Galeria desde a sua fundação (2000): em 2006 participou na exposição que marcou o reencontro de 3 fundadores de “Os Surrealistas”, após 50 anos de afastamento: “Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco e o Passeio do Cadáver Esquisito”. Participou em 2009 no Ciclo “Os Surrealistas”, 60 anos após a 1ª exposição do grupo. Foi no contexto dessa iniciativa que editou um magnífico diário dedicado ao surrealismo: “Prosseguimos cegos pela intensidade da Luz”, que dava então continuidade a uma colecção de livros-objecto artísticos dedicada ao Surrealismo. A Colecção conta hoje com outros 2 títulos em que o autor participou: “Comunidade” (2006), com Luiz Pacheco e “Eu-próprio os outros” (2011), com Alfredo Luz e obras de Mário Botas.

Em Novembro de 2011 a Perve Galeria fez-lhe uma primeira homenagem, dedicando-lhe, de forma inédita um stand na Arte Lisboa, única feira de arte contemporânea em Portugal. Entre 9 de Fevereiro e 24 de Março, as duas Galerias Perve, em Alfama e em Alcântara, levaram a cabo uma exposição antológica, com cerca de 120 obras realizadas por Artur do Cruzeiro Seixas ao longo de mais de 70 anos de atividade plástica.





Cruzeiro Seixas, ***Sem Título***  
s/ data - circa anos 50, colagem sobre papel, 15,5x12,5cm

As possibilidades do surrealismo são infinitas e não se confundem com as da arte. Enquanto a arte é uma matéria que envelhece, o surrealismo é a própria alma da criação, sempre viva, nas suas infinitas metamorfoses e imagens.

O surrealismo é tão antigo e será tão duradouro como a alma do homem. Nunca será de mais afirmar a sua dimensão humanista, o seu alcance filosófico. E querendo ser fiéis à ambição gnoseológica e amorosa que aqui surge seremos obrigados a dizer que o surrealismo é tão perene como a alma do mundo. Nem ao que de mais permanente existe no homem o surrealismo se prende, porque quando falamos dele é o infinito do universal que se apresenta.

Artur Manuel do Cruzeiro Seixas é um alquimista das imagens, um arquitecto do espírito. Os seus desenhos, que melhor é chamar caligrafias psíquicas ou registos pulsionais, mesmo quando enquadrados por um traço que nos parece tão rigoroso quanto talentoso, são a linguagem mesma da alma humana; movem-se na tela ou no papel onde o seu autor os lança em momento de cegueira ou de possessão como os sonhos, os mais maravilhosos, se mexem no céu imaterial do pensamento.

Não há por isso limites para os sinais que se tatuam nos desenhos de Cruzeiro Seixas. Se o Universo é um caos organizado, uma anarquia espontânea, onde os astros fazem a vez duma ordem desconhecida e superior, os desenhos de Cruzeiro Seixas são a escrita automática do espírito, um alfabeto psíquico capaz de registar as pequenas e as grandes convulsões da alma, onde as imagens, sempre escaldantes, sempre borbulhantes, tomam o lugar de mediadores entre a matéria densa do mundo e a liberdade gratuita do espírito.

Na tapeçaria dramática de Cruzeiro Seixas um braço nunca é um braço, um cavalo nunca é um cavalo. Não nos iludamos, a não ser por via da participação consciente neste teatro lúdico de acasos, porque é disso que se trata. Todas as realidades que saem das mãos de Cruzeiro Seixas são apenas imagens de outras realidades, metáforas vivas e reveladas, num processo contínuo de metamorfoses, que opera por sucessivas e imperceptíveis trasladações de sentido. Na rotação das imagens, na velocidade alucinante das figurações, na permanente desconstrução das identidades, temos o carnaval intenso da criação, a festa do mundo tal como ela pôde ser superiormente vivida em colectivo nas culturas magnas do Neolítico, tudo antes que a História, com a folha relativa à produção e acumulação, sufocasse a vida mágica da civilização.

Convenço-me que o homem arcaico, o homem natural, o homem-criança via o mundo – animais, plantas, pedras e astros – desenrolar-se diante dos olhos como nós o vemos metamorfosear-se num desenho de Cruzeiro Seixas. Daí a ideia de tapeçaria dramática, de montagem psíquica, mas também de percepção em estado puro, a propósito da actividade das suas mãos.

Por isso Cruzeiro Seixas não teve atelier, não marcou o ponto, não se funcionalizou como artista. Ao invés, não se cansando de gritar a morte da pintura e da arte, bem como o horror das academias e das escolas, fugiu para a selva, vadiou pelos trilhos poeirentos, perdeu-se na África escura da alma. A sua oficina, se a teve, foi na alma que a encontrou. Por isso lhe bastou, como ele insistiu, um canto de mesa para deitar ao papel as imagens. Eu acrescentaria até que nem sequer de aparo e tinta ele necessitou; para desenhar o mundo da alma bastou-lhe o sangue como tinta e o dedo como lápis. Estava tudo dentro dele, intacto e vivo. Não foi, não é, um artista, mas um condutor de imagens psíquicas. Não expôs talento; antes deu a alma, naquilo que esta tem de supranatural e de genial.

António Cândido Franco - 2012



Cruzeiro Seixas, ***Sem Título***  
1953, óleo sobre esteira de fibras naturais, 28,5x23cm



## ALQUIMIA DA LINHA E OUTROS TRAÇOS DESLUMBRADOS

*(ou como o deserto se enche de encantamentos no início de cada verbo)*

TOMO I. Conheci Artur do Cruzeiro Seixas antes mesmo de ter sonhado montar galeria. Nos anos 90, altura em que estive na Irlanda, no Arthouse - Multimedia Centre for the Arts, comecei a entrar nas questões relacionadas com arte interactiva e, por isso, estabeleci contacto com ele. A propósito de obras multimédia que desenvolvia de forma continuada. Queria fazer, com a sua magnífica obra plástica, trabalho multimédia interactivo e tridimensional que desse continuidade ao que já vinha produzindo em torno de Artur Bual e da arte em Moçambique. Dada a imensidão do conteúdo artístico que recolhi (que, não obstante, correspondia a pequeníssima parte da obra que Cruzeiro Seixas realizou ao longo da vida), acabei por conseguir realizar (apenas, ainda) um filme documental, que integrei numa série a que atribuí o nome “N.O.M.A.” - acrónimo que aqui, pela primeira vez, traduzirei o significado: Nova Ordem Mundial da Arte.

Esse significado, contudo, surgiria mais tarde. Inicialmente a série, e todo o projecto que lhe dava expressão, retirava identidade a uma frase Suaíli que me foi transmitida por Ídasse, pintor moçambicano com quem estabeleci há 12 anos uma forte amizade: Noma Ka Ndjani (custe o que custar), era o título inicial. Procurando dar expressão à importância de documentar, de maneira interactiva e multimédia, as artes no espaço luso falante. Acabei por deixar ficar apenas Noma e só mais tarde me surgiria a noção de contextualizar uma nova forma de fazer, ver e comunicar arte: N.O.M.A., portanto. E a Arte Global como seu movimento expressivo.

Não significa que pense numa ruptura estrutural com o passado. Penso antes, na continuidade de movimentos anteriores (Dada, Surrealismo) agora (re) contextualizados na contemporaneidade, procurando respostas para problemas que são de hoje. Criando propostas metodológicas e discursivas também elas adaptadas à realidade actual.

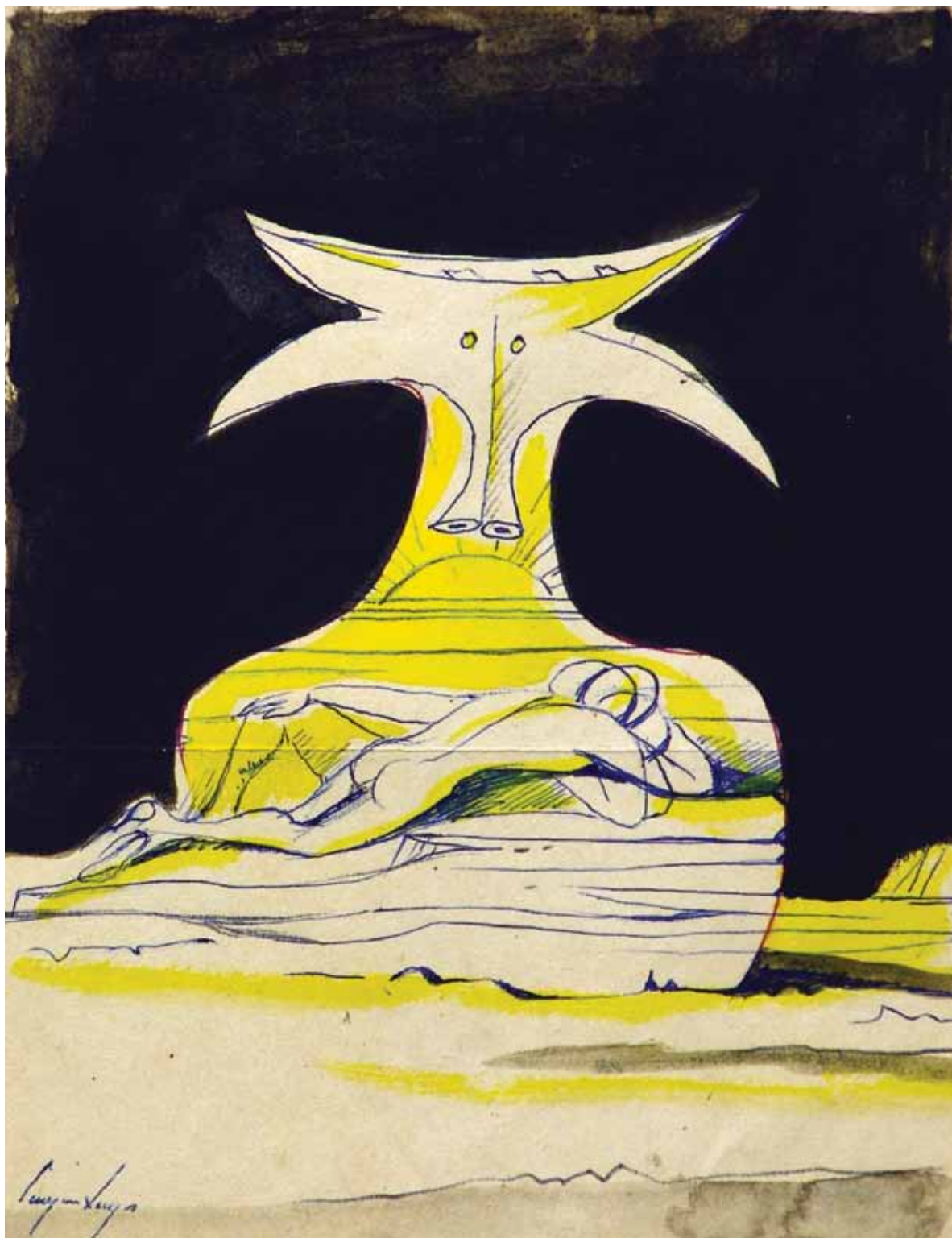
Não quer, portanto, dizer que se proponha a eliminação do que foi feito no passado. Muito pelo contrário. Entendo que só através da análise sistemática do que nos foi legado se pode alcançar um fruto reflexivo adequado às exigências que hoje se colocam a quem quer entrar e estar na coisa artística. Especialmente importante é o legado de “Os Surrealistas” que, em Portugal, numa época (década de 1940 e seguintes) de enormes constrangimentos e dificuldades de toda a espécie, souberam encontrar o caminho correcto para abrir espaço a quase tudo o que hoje temos no campo visual, poético e na intervenção artística no espaço social.

Cruzeiro Seixas, na sua imensa capacidade autoral, foi um dos pioneiros desse movimento, juntamente com Mário Cesariny e demais companheiros de “Os Surrealistas”. A sua prolífica actividade não se limitou nem à estética, nem à realização da sua própria e extensa obra, seja ela plástica, poética ou narrativa. Procurou sempre divulgar a arte dos outros, fossem eles seus companheiros, fossem eles desconhecidos, anónimos, aos quais reconhecia méritos, não só formais ou discursivos, mas de índole estrutural. Interessavam-lhe os que apontavam caminhos identitários únicos, verdadeiros e essenciais. Por isso, em qualquer dos sítios onde se fixou, de Luanda ao Algarve, desenvolveu e organizou primeiras exposições de artistas, com o que contribui para que fossem colocados na esfera de consagrados, justa, por certo.

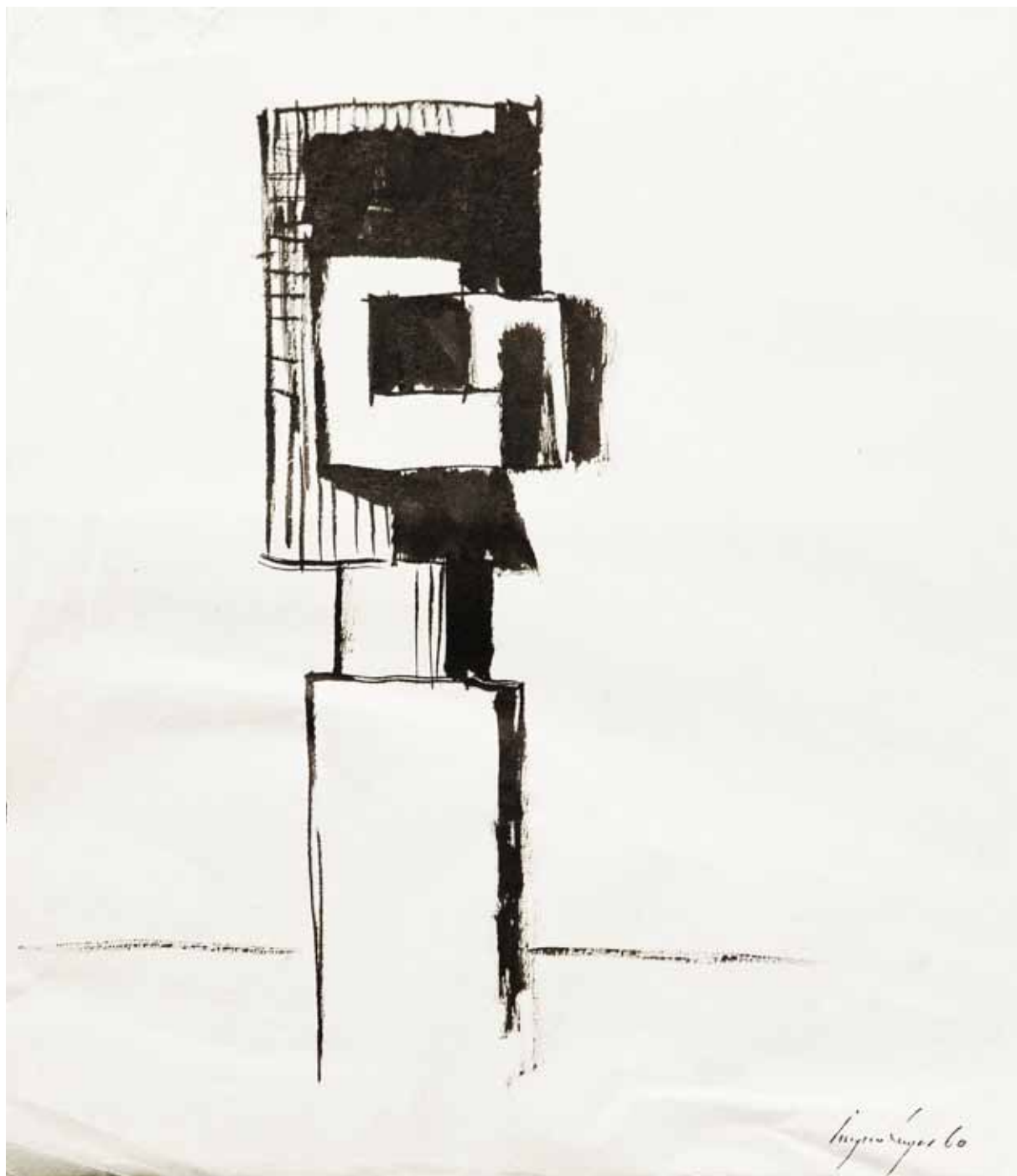
TOMO II. Desde que conheço Artur do Cruzeiro Seixas e à medida que fui adentrando no contacto com a sua vastíssima (e extraordinária) obra, procurei organizar uma exposição individual com ele. Especialmente a partir do momento em que constitui, com o companheirismo de sempre de Nuno Espinho, a Perve Galeria, pensei em vir a fazê-lo um dia. Os anos, entretanto, foram passando e, com eles, avolumando-se a ideia de que tal exposição incorporava um risco imenso: o de não fazer jus ao autor. Quanto maior o risco, maior o apelo. Durante mais de uma década fomos trabalhando na Perve Galeria com Cruzeiro Seixas, incluindo a sua obra e a sua participação em exposições memoráveis, como as que realizou em conjunto com Cesariny e Fernando José Francisco, em 2006, ou, mais recentemente, com Isabel Meyrelles e Benjamin Marques, em 2009, e, em 2011, com Alfredo Luz e Jorge Pé-Curto, revisitando a obra de Mário Botas. Contudo, não tínhamos ainda a convicção de estarmos prontos para a aventura de lhe montarmos uma exposição individual - que teria de ser (isso tornou-se claro a certa altura) antológica, na impossibilidade de poder ser retrospectiva, por considerarmos só assim ser possível mostrar de forma ampla e acertiva a sua produção multifacetada.

TOMO III. Com o passar dos anos, fomos adquirindo, com esforço verdadeiro, obras que pudessem servir esse propósito, sendo a maior dificuldade conservá-las no seio da Perve Galeria, pois facilmente se encontrariam potenciais clientes que soubessem apreciá-las e as quisessem fruir longe de nós. Por essa razão, optámos por mantê-las ocultadas, sem moldura, dentro de pastas, como que perdidas, inclusive ao nosso olhar (para que não pudesse ser tentado em momentos de aflição, que sempre houve), especialmente as mais relevantes para a compreensão da amplitude multiforme da produção do autor. Por causa disso, chegados a Fevereiro de 2012, constatando a vasta dimensão do espólio reunido, achámos ser essa a altura de levar por diante a arriscada tarefa, tantas vezes desejada, de montar uma exposição individual, antológica, que servisse, igualmente, para prestar homenagem a Artur do Cruzeiro Seixas - artista, poeta, SURREALISTA.

TOMO IV. Agora, neste belo Palácio do Egipto, em Oeiras, homenageia-se uma vez mais (e nunca será demais fazê-lo) Artur do Cruzeiro Seixas, desta feita mostrando a obra que realizou durante a duzena de anos que se manteve (corpo e alma) em Angola, em especial os seus desenhos e pinturas de forte matriz/pendor africano (não africanista ou exótico). Caberá ao espectador dizer-nos se lhe agradou o resultado. Ao autor, talvez, se o enterneceu. Na verdade, sabemos que as várias mostras que realizámos, tratando-se de quem se trata, estão irremediavelmente condenadas ao fracasso: a obra de Cruzeiro Seixas, pela sua vastidão, complexidade e genialidade dificilmente cabe numa só exposição. Seria necessária vontade e articulação de vários museus, academias e investigadores, laborando metodicamente, anos a fio, para que fosse possível organizar-se uma exposição realmente digna da criação artística deste autor e que lhe prestasse a grande homenagem que verdadeiramente merece. A nós caberá, enfim, perceber se, com todas as limitações enunciadas, a presente exposição falha mais ou menos do que a expectativa, grande, com que partimos para a fazer.

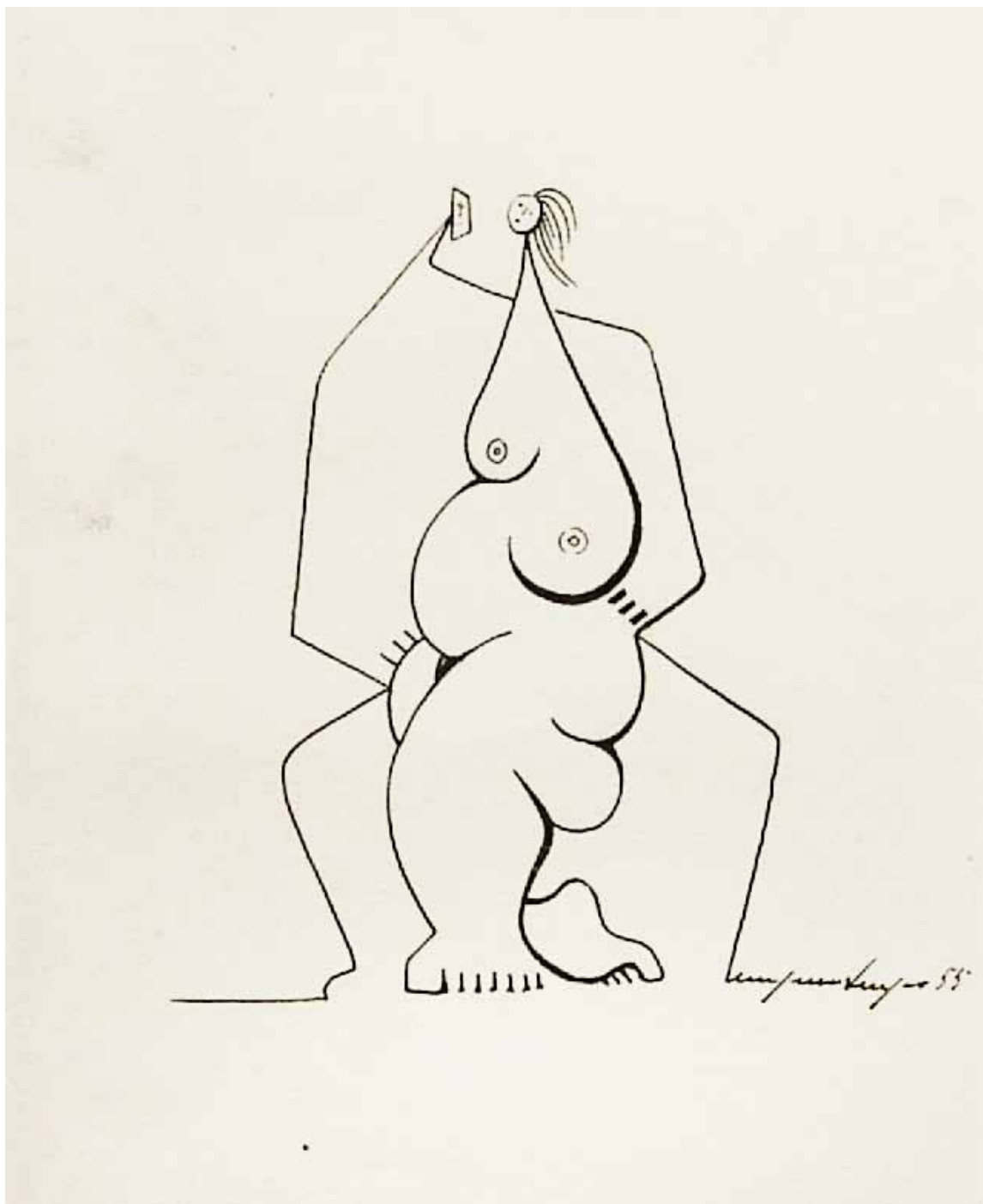


Cruzeiro Seixas, **Sem Título**  
s/ data - circa 1950, têmpera sobre papel, 15,5x12cm

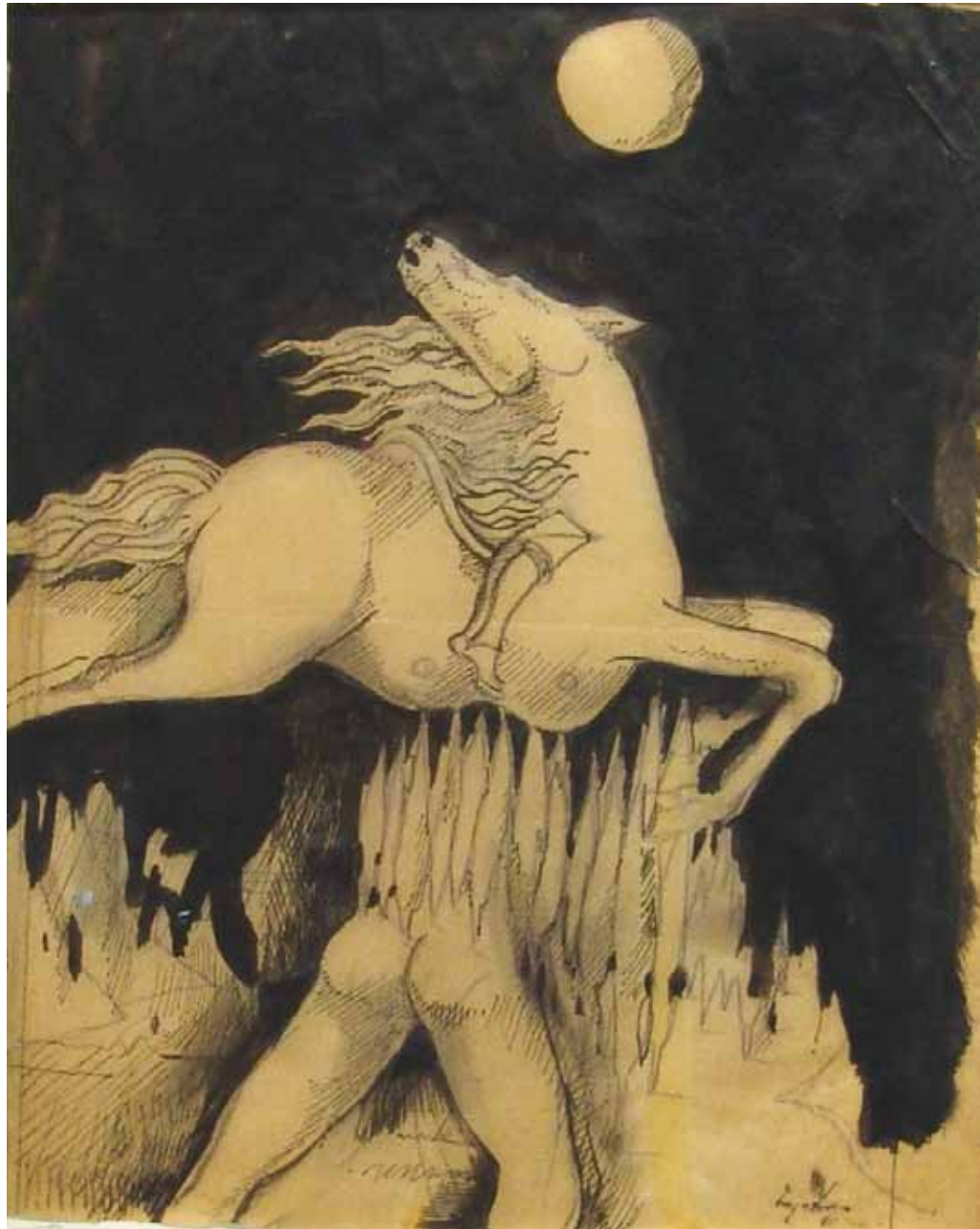


Cruzeiro Seixas, ***Estudo para escultura***  
1960, tinta da china sobre papel, 19,5x16,5cm

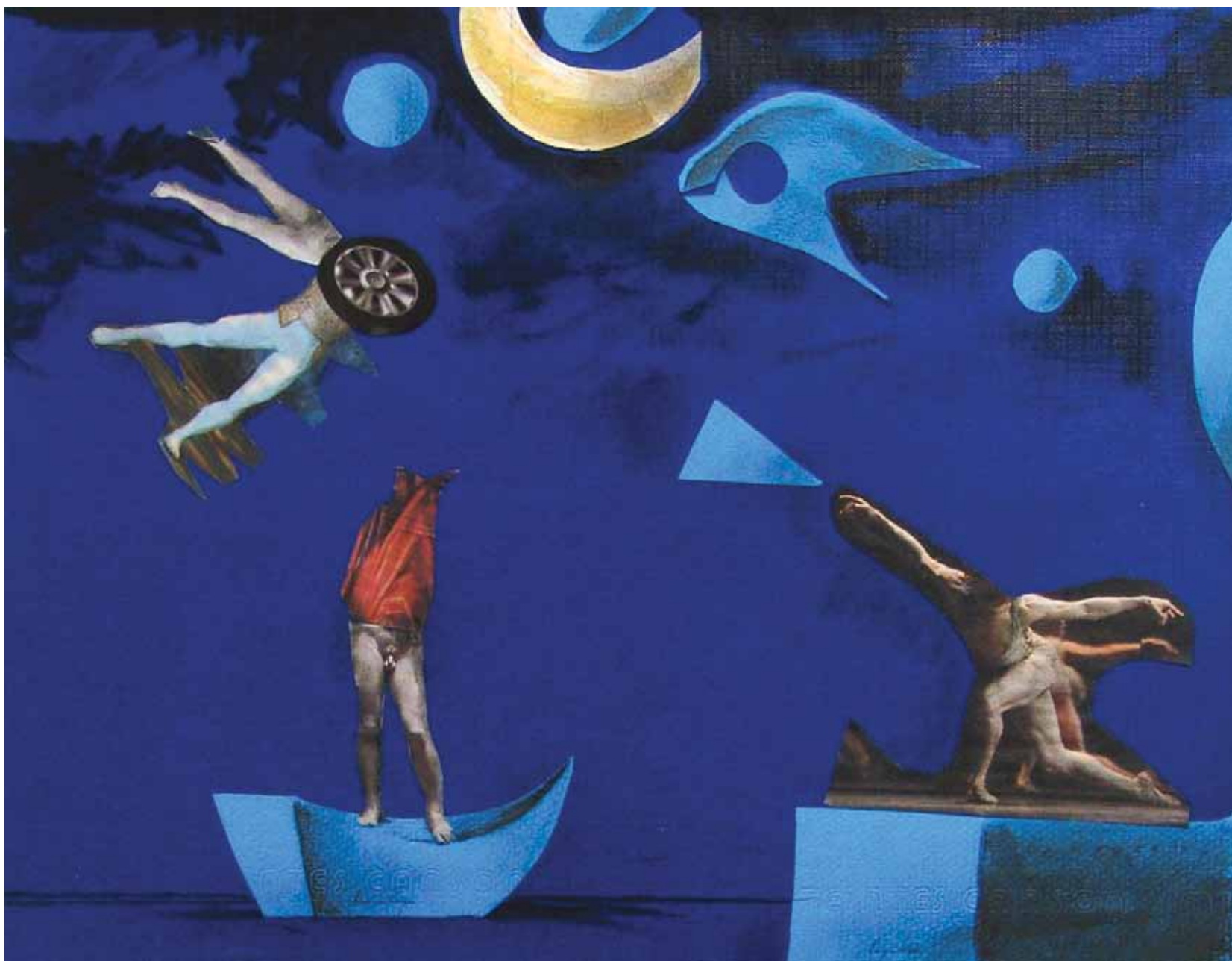




Cruzeiro Seixas, ***Sem Título***  
1955, tinta da china sobre papel, 19x14cm

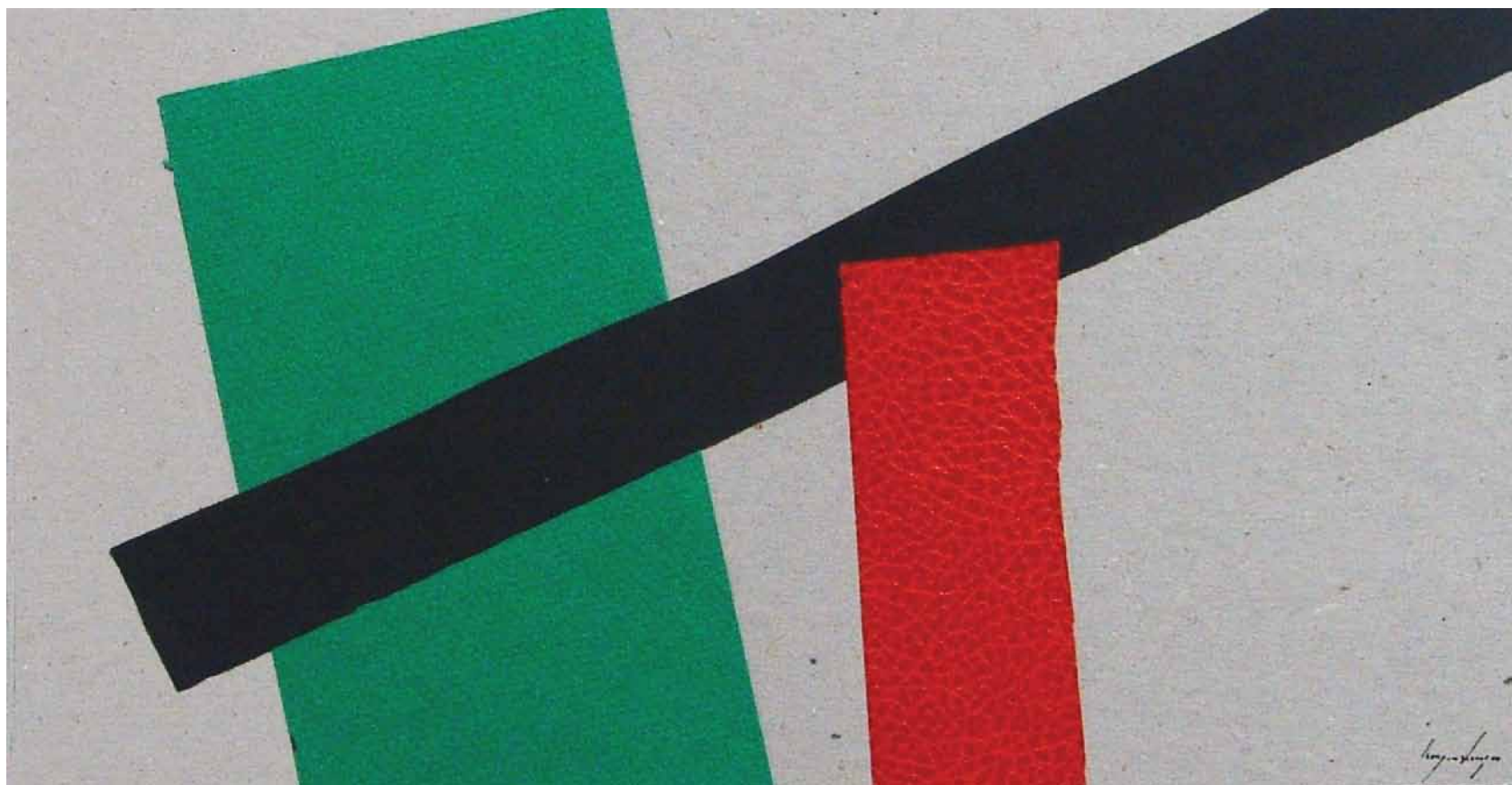


Cruzeiro Seixas, ***Estudo para desenho à pena***  
1957, esferográfica e tinta da china sobre papel, 26x21cm



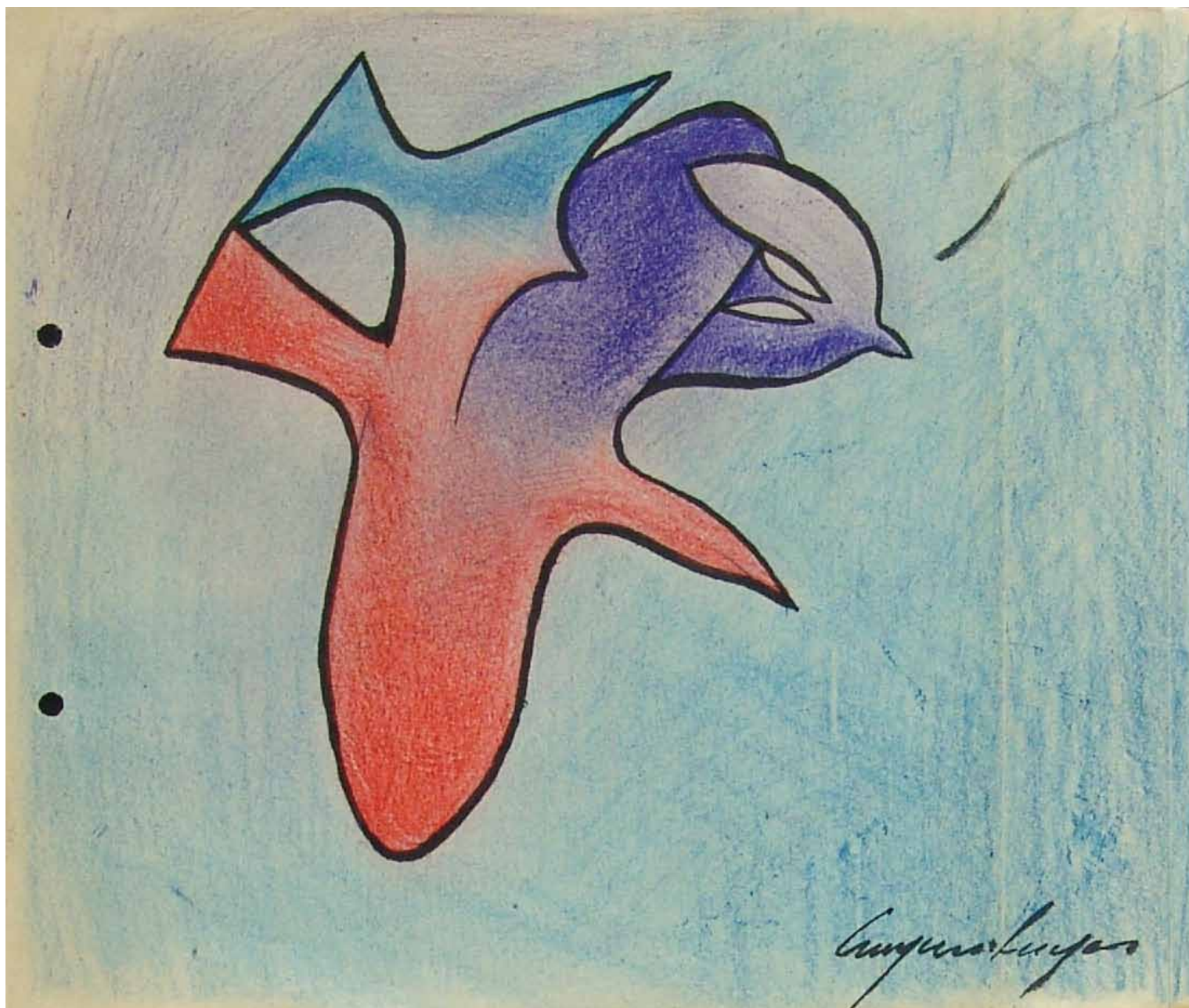
Cruzeiro Seixas, ***Sem Título***  
s/ data - circa 1960, têmpera e colagem sobre papel, 27x35cm





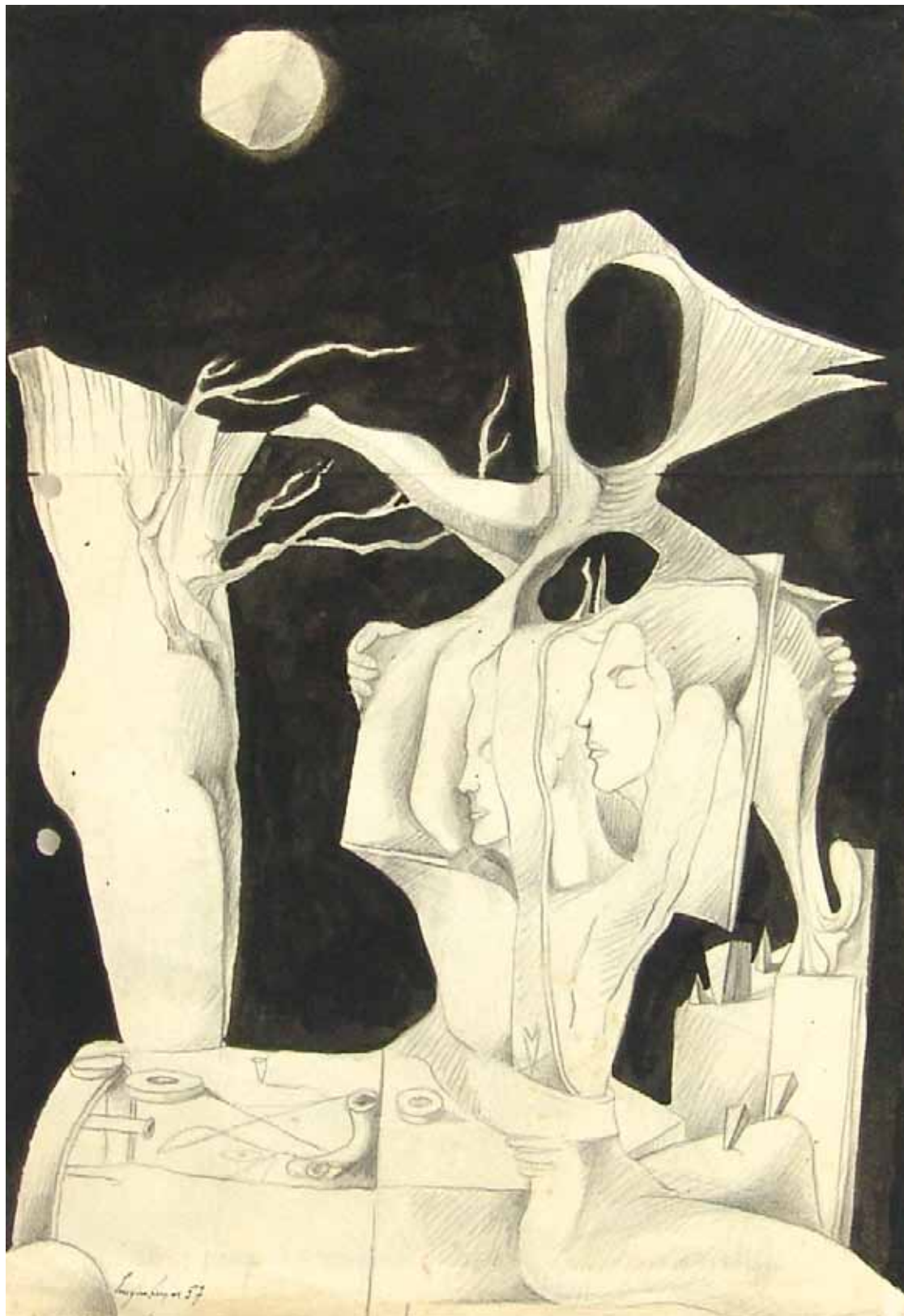
Cruzeiro Seixas, ***Sem Título***

s/ data - circa anos 50, colagem sobre papel, 29,5x15,5cm



Cruzeiro Seixas, **Sem Título**  
1955, lápis de cor e tinta-da-china sobre papel, 22,5x26,5cm





Cruzeiro Seixas, **Sem Título (frente)**  
1957, grafite, tinta-da-china sobre papel, 29,5x20,5cm

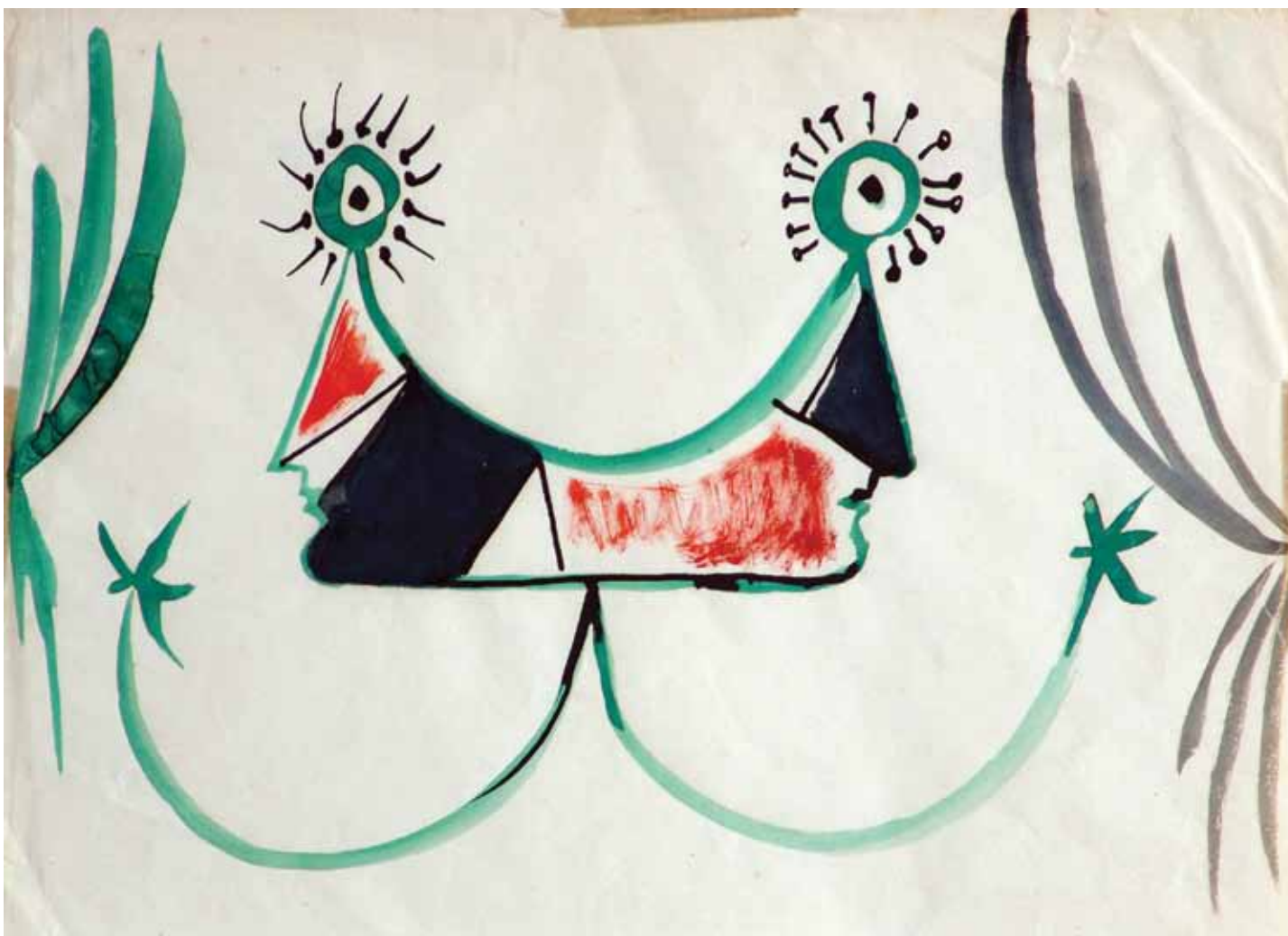




Cruzeiro Seixas, **Sem Título (verso)**  
1957, grafite, tinta-da-china sobre papel, 29,5x20,5cm



Cruzeiro Seixas, ***La tricoteuse***  
1947, tinta-da-china e têmpera sobre papel, 16,5x22cm

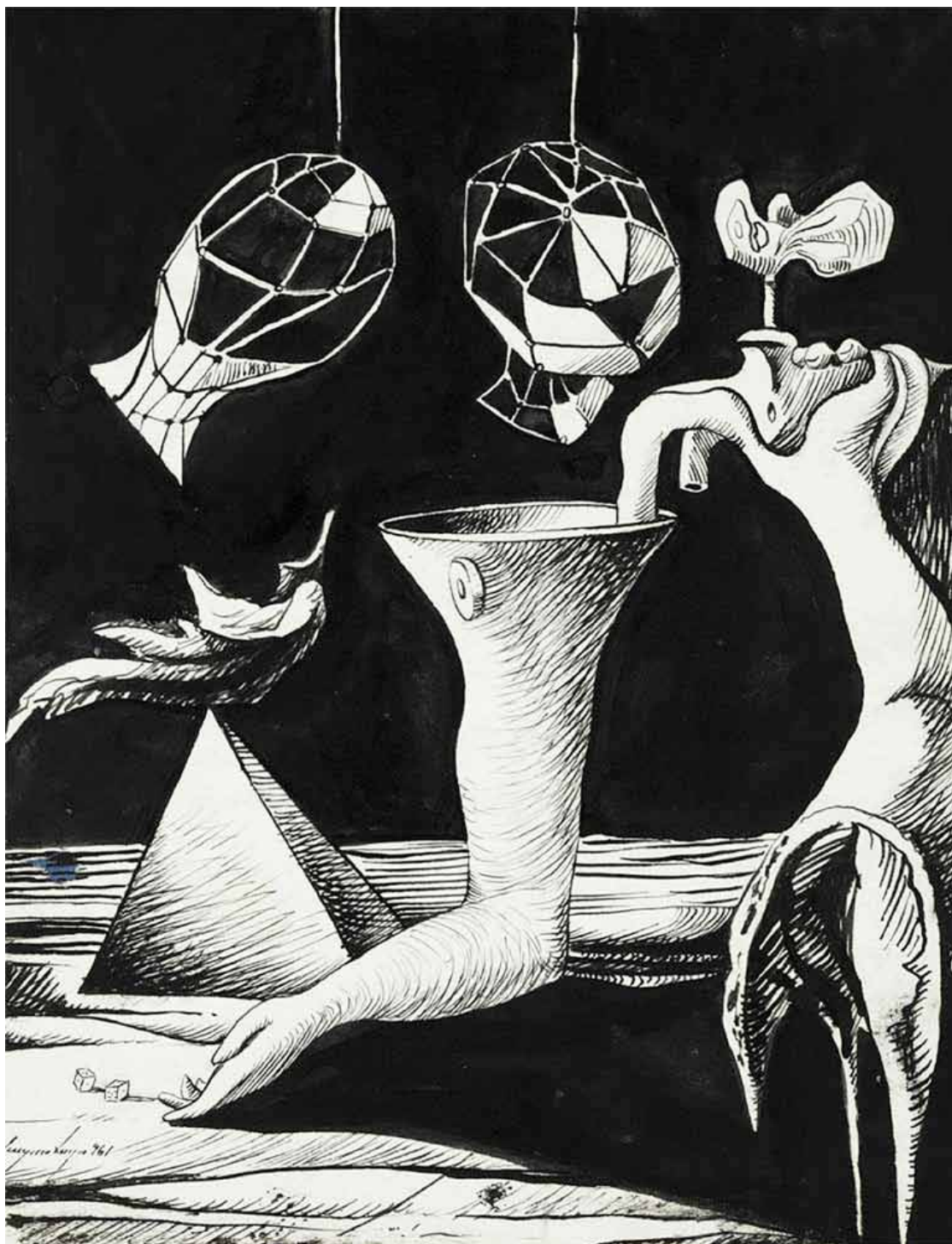


Cruzeiro Seixas, ***Sem Título***  
s/data - circa 1940 , técnica mista sobre papel, 20x30cm





Cruzeiro Seixas, **Sem Título**  
1955, tinta da china sobre papel, 28x21,5cm



Cruzeiro Seixas, **Sem Título**  
1961, tinta da china e têmpera sobre papel, 21x16,5cm



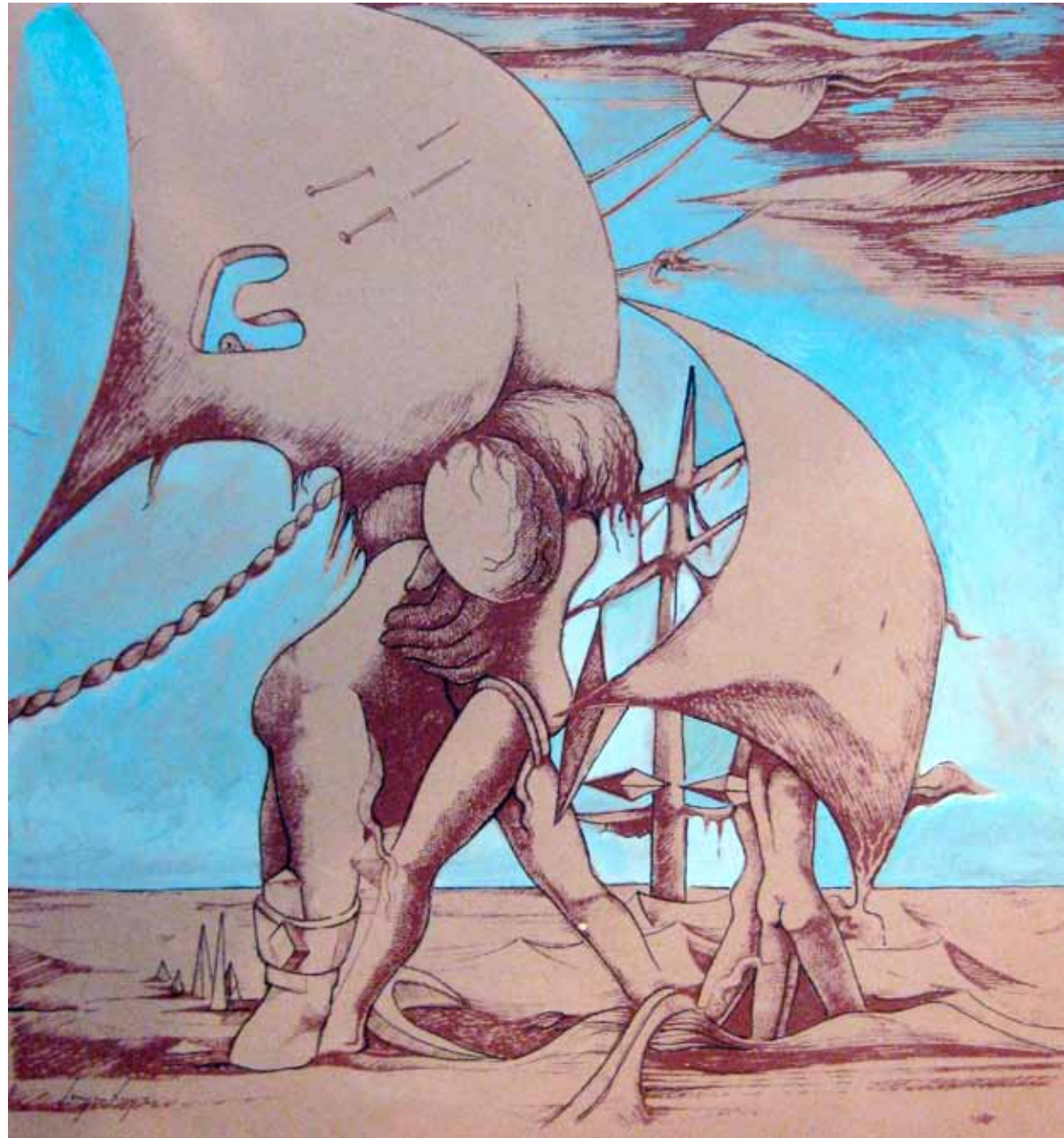
Cruzeiro Seixas, ***Sem Título***

s/ data - circa anos 50, técnica mista sobre papel, 14x22cm





Cruzeiro Seixas, **Sem Título**  
1956, tinta da china e têmpera sobre papel, 20,5x14,5cm



Cruzeiro Seixas, ***Sem Título***

s/ data - circa 1960, têmpera e tinta da china sobre papel, 30,5x32,5cm



Cruzeiro Seixas, *Pequena homenagem ao Barão de Gilles de Rais companheiro de Jeanne D'Arc e meu*  
1954, tinta da china sobre papel, 33,5x22cm





Cruzeiro Seixas, ***Sem Título***  
1952, têmpera e tinta da china sobre papel, 23x22cm



Cruzeiro Seixas, ***Sem Título***  
1952, técnica mista sobre papel, 31x22cm

#### FICHA TÉCNICA

Iniciativa e organização **Câmara Municipal de Oeiras** ©

Comissariado de **Carlos Cabral Nunes**

Fotografia **Perve Galeria**

Design **Núcleo Criativo, Vera Elvas**

Impressão 0000000000000000

Depósito Legal 000000/12

ISBN **ISBN: 978-989-608-146-1**

Data da Edição **Outubro de 2012**

DESENHA ‘12

Perve  
Galeria



Alfama - Alcântara

